

# EM GUARDA

ANO 3

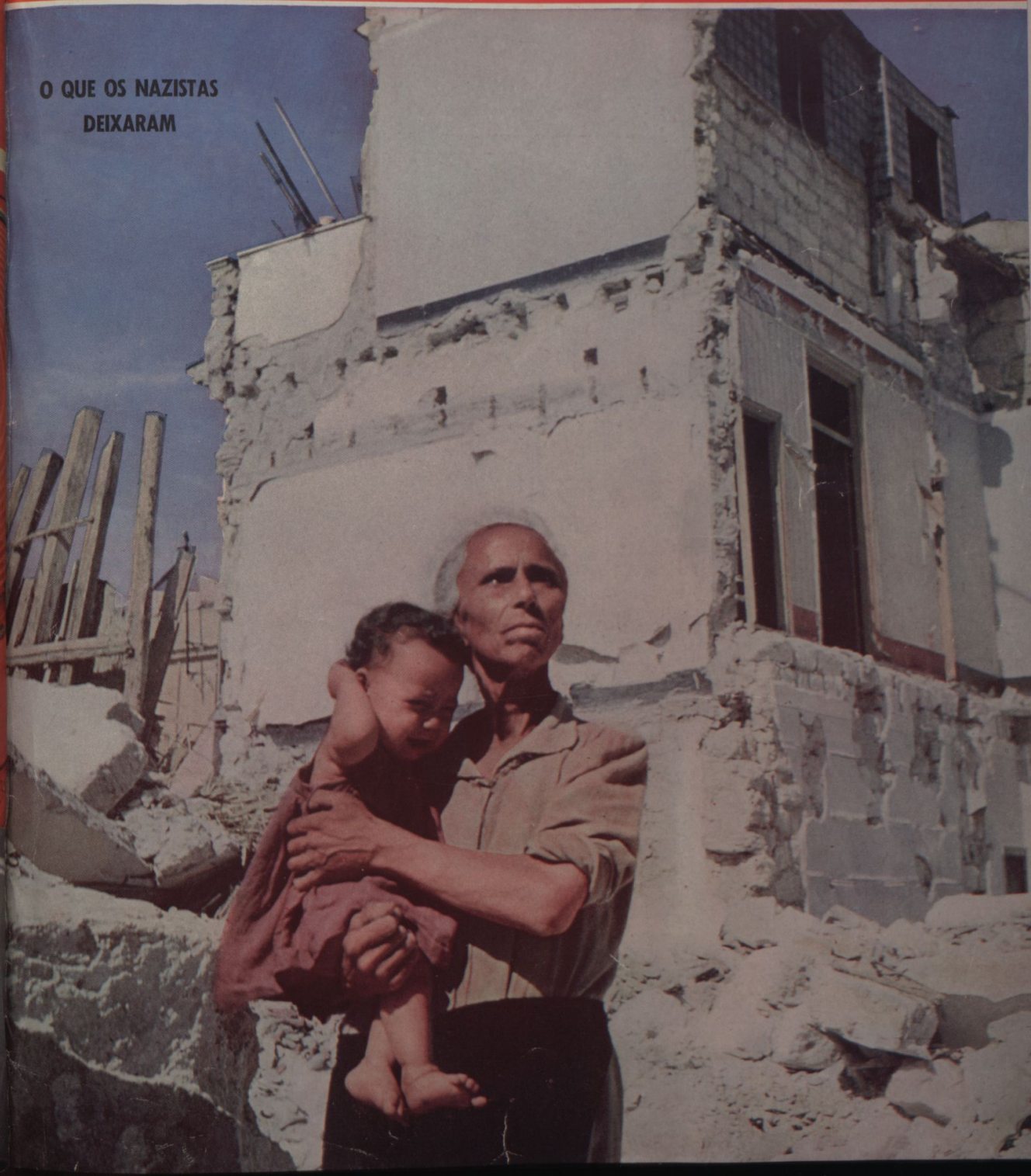
Para a defesa das Américas

N. 6



Um operário polindo uma turbina para acionar um navio cargueiro. Aumenta cada vez mais a construção destes navios, indispensáveis para manter os exércitos nas frentes de ultramar

O QUE OS NAZISTAS  
DEIXARAM





# MARINHA DE COMBATE

Mais de quinhentos guardas-marinhas prestando o juramento na Escola Naval de Anápolis. Vê-se à esquerda as baterias de um cruzador norte-americano arrazando as defesas dos japoneses na ilha de Makin, antes da invasão das forças de terra. Apesar de terem se fortificado extraordinariamente, os japoneses não puderam resistir ao bombardeio

A MARINHA dos Estados Unidos nunca esteve ativa em tão vasta área de mar como tem estado nesta guerra. Em todos os mares do mundo, desde os recantos mais recônditos das frígidas regiões árticas até as vastas extensões das águas tropicais do Pacífico, as unidades da esquadra dos Estados Unidos estão empenhadas em combates ou à espreita do inimigo.

Um dos principais objetivos dos aliados foi assegurar todas as vias de comunicações marítimas necessárias às suas operações de guerra. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, havia a considerar três medidas de vital importância: extirpar a ameaça dos submarinos alemães no Atlântico, impedir que os japoneses cortassem as vias de comunicação com a Austrália e com a Nova Zelândia e, finalmente, reabrir a navegação no Mediterrâneo.

Era então impossível prever a época exata em que poderiam ser alcançados tais objetivos. Os submarinos alemães estavam afundando diariamente os navios dos aliados nas águas do Atlântico. Aviões germânicos interrompiam continuamente as vias de comunicação com a Rússia, através dos mares árti-

cos e do Mediterrâneo e os japoneses, por sua vez, estavam avançando persistentemente ao sul do Pacífico. A situação exigia medidas extremas. Mas, desde esse período da guerra, a luta tem tomado enormes proporções. Somente a Marinha dos Estados Unidos já perdeu mais de 15.000 homens e teve 25.000 feridos. E até meados de Janeiro deste ano, a sua perda de unidades combatentes foi de 140, sendo um couraçado, cinco navios porta-aviões, nove cruzadores, 42 destróieres, 17 submarinos e 66 outras unidades menores. As outras Nações Unidas sofreram perdas proporcionais de unidades navais em operações no Atlântico e no Mediterrâneo.

Contudo, tropas e material bélico continuavam a ser transportados para as ilhas do Pacífico, para a África do norte, para a Sicília, para o sul da Itália e para a costa italiana, abaixo da área de Roma. Além disso, prosseguia ininterruptamente o fornecimento de materiais para a Inglaterra e para a Rússia. Durante todo esse período, as Marinhas, dos Estados Unidos e da Inglaterra, mantiveram-se em íntima cooperação. Depois de pouco mais de

dois anos, as operações navais haviam atingido novas etapas na direção desejada e já se podia dar um balanço na contribuição que a Marinha de guerra norte-americana desde então ven oferecendo à causa aliada.

Assim delineou o Secretário da Marinha os problemas enfrentados pela esquadra durante esta guerra: "No Atlântico, a nossa missão principal é manter livres e desembaraçadas todas as vias de comunicação entre os Estados Unidos, a Inglaterra e a Rússia. Nossa navegação de cabotagem terá de sofrer um pouco, enquanto concentramos a nossa atenção no objetivo principal."

Durante um ano, as perdas marítimas continuaram elevadas. A 18 de Março de 1943, o almirante Ernest J. King, chefe das operações navais dos Estados Unidos, reuniu em conferência as autoridades navais inglesas, canadenses e norte-americanas, chegando a um completo acordo quanto às medidas tomadas para eliminar a ameaça dos submarinos.

Durante os seis meses que se seguiram, nada menos de 150 submarinos alemães foram postos à pique e numerosos membros de suas respectivas guar-

EM GUARDA é publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C. pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 W. 42nd Street, Nova York. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia. Classificada como impresso de segunda classe no correio de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, E.U.A., a 8 de Abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de Março de 1879. Ano 3, N. 6.



Depois do formidável ataque à base japonesa de Rabaul, um avião de bombardeiro é submetido a um exame pelos mecânicos, a bordo do porta-aviões "Saratoga"

nições foram feitos prisioneiros. A campanha anti-submarina foi levada a efeito num conjunto de operações nas quais participaram os aviões, os navios de guerra e os porta-aviões, e, entre estes, sobretudo os do tipo mais recente, de construção rápida, especialmente destinados para tais operações.

Através da cooperação de outras Repúblicas Americanas em causa comum, bases terrestres foram construídas ao longo da costa da América do norte e do sul, em várias ilhas, e também na Inglaterra, para facilitar o mais possível o serviço de patrulhamento das vias marítimas do Atlântico. Desta maneira, os aviões mantinham constante a vigilância e podiam frequentemente lançar bombas contra os submarinos ou dar o alarme, indicando às unidades navais a exata posição do inimigo. As forças de terra e mar de várias nações americanas têm feito importantes contribuições para a campanha. E assim decresceu consideravelmente a ação dos submarinos, onde quer que fosse fácil manter o pa-

trulhamento de aviões cujas bases estivessem ao longo da costa. Os alemães se viram impossibilitados de continuar a sua sistemática guerra submarina nas águas americanas. Havia, entretanto, uma parte do Atlântico, a parte central, onde os nazistas dominavam, a despeito do serviço de combóios.

Foi aí que o porta-aviões ligeiro, o navio mercante adaptado, solveu o problema. No começo da guerra, o navio porta-aviões era uma unidade essencialmente construída sob moldes clássicos, com um convés de 200 metros de extensão, e constituía parte indispensável do conjunto de uma esquadra em ação. Não havia desses navios em número bastante para patrulhar qualquer área inteira do Atlântico. Os que existiam estavam em constante atividade nas águas do Pacífico. E para construir um número apreciável dessas unidades era preciso alguns anos.

O aperfeiçoamento do avião naval foi a solução. Novos aparelhos, em condições de poderem levantar vôo de um convés de menores dimensões, jun-

tamente com um novo tipo de navio especialmente adaptado para tal objetivo, foram coordenados como elementos básicos da campanha anti-submarina que iria ser lançada. Muitos dos navios eram simples navios mercantes, de fácil adaptação para a missão de porta-aviões. Mais de cinquenta já estão em operações, no serviço de combóios e de patrulhamento, auxiliados por destróiers e outras unidades menores, mas eficientes. Como resultado, verificou-se imediatamente um declínio nas operações dos submarinos na área central do Atlântico.

"A única razão da campanha submarina de Hitler era evitar o fornecimento de tropas e de abastecimentos pelos Estados Unidos," declarou o Secretário da Marinha. "A prova de que essa campanha falhou completamente está no contínuo serviço de comunicações, por meio de combóios, que transportam munições e abastecimentos para a Inglaterra e para a Rússia e tropas dos Estados Unidos, com todo o seu equipamento, para vários pontos situa-



Soldados do Quinto Exército desembarcam na praia de Nettuno, por trás das linhas alemãs, perto de Roma, garantidos pelas unidades da esquadra aliada

dos no outro lado do Atlântico. Não é exagero afirmar que a Batalha do Atlântico foi ganha em meados de 1943, a despeito de se reconhecer o fato de que o perigo dos submarinos continuará sempre enquanto durar a guerra. E se conseguirmos manter o nosso domínio nas vias atlânticas, conforme estamos em condições de fazer cada vez mais, os resultados da Batalha do Atlântico bem podem ser considerados como uma das vitórias mais decisivas durante o ano de 1943, tal como foi a de Midway, no Pacífico, em 1942."

A importância da Batalha de Midway estava então começando a ser devidamente apreciada. Conquanto tivesse ocorrido em 1942, completos detalhes a respeito só puderam ser divulgados muitos meses depois. Naquele memorável encontro naval, a Marinha dos Estados Unidos impediu que uma poderosa esquadra japonesa, composta de mais de oitenta unidades, dentre as quais se destacavam couraçados, porta-aviões e navios de todos os tipos, pudesse

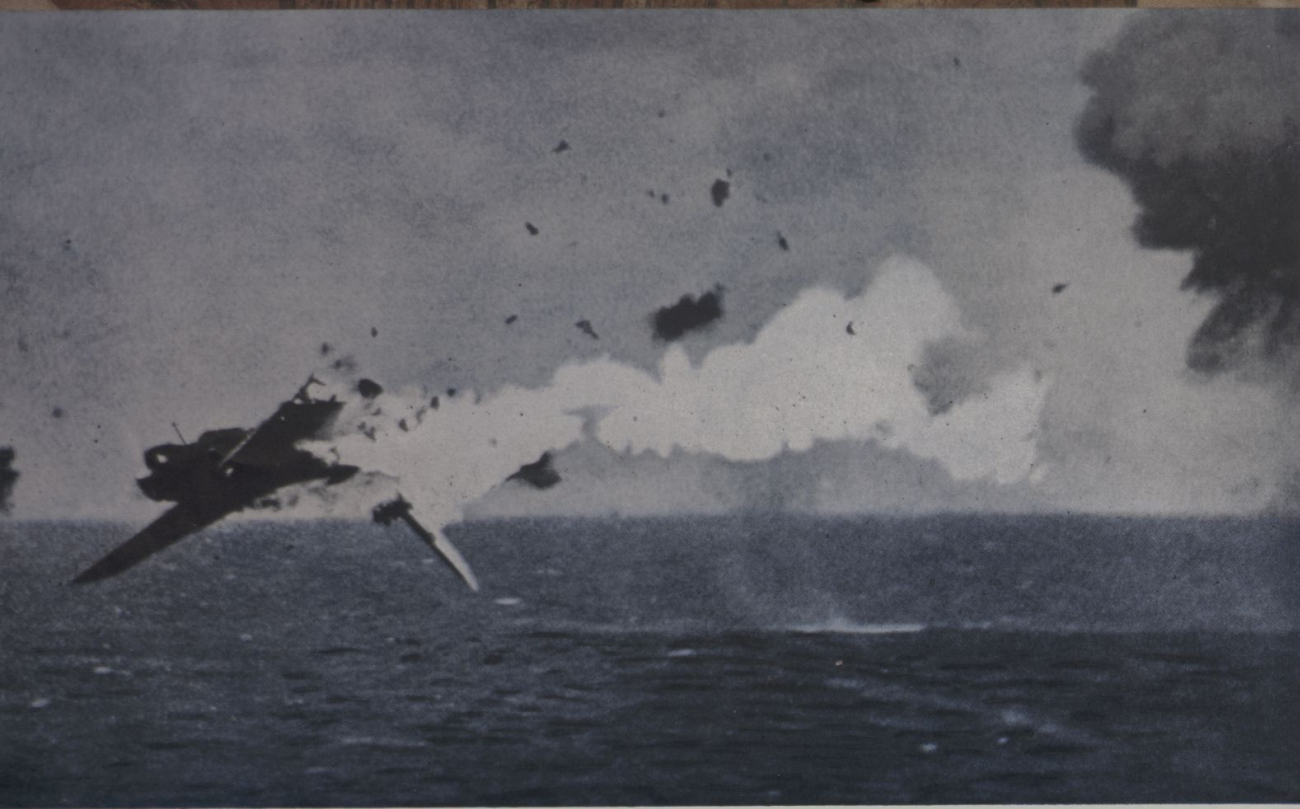
dominar as vias marítimas para a costa americana. Ao se aproximarem da ilha de Midway, na área central do Pacífico, os aviões japoneses dos navios porta-aviões conseguiram bombardear a ilha. Mas os bombardeiros dos Estados Unidos, de bases insulares e dos navios porta-aviões, já estavam ao largo, fazendo contato imediatamente com as forças atacantes, que também ficaram ao alcance do fogo das unidades da esquadra. Travou-se uma batalha de tremendas proporções, na qual os aviadores americanos não perderam uma só oportunidade de castigar o inimigo por todos os lados, infligindo-lhe perdas que causaram o fracasso completo da sua ousada tentativa.

A esquadra americana perdeu o grande porta-aviões *Yorktown* e outras unidades menores, mas a superioridade das suas forças decidiu, de uma vez para sempre, o domínio dos mares naquela região. Nessa grande prova do poder aéreo-naval americano, o inimigo perdeu quatro porta-aviões, dois cruzado-

res pesados e três destróiers, tendo sido avariados três dos seus couraçados, três cruzadores pesados e um cruzador ligeiro, além de outras unidades menores. Foram destruídos 275 aviões japoneses e dos tripulantes da sua esquadra, 4.800, aproximadamente, foram mortos em combate.

Os japoneses sofreram também uma outra memorável derrota mais ao sul, no mar de Coral. Nessa ocasião, os Estados Unidos perderam outro porta-aviões, o *Lexington*, e um destróier. O inimigo perdeu um porta-aviões, um cruzador pesado, um cruzador ligeiro, dois destróiers e quatro canhoneiras.

Em consequência dessas vitórias, a esquadra dos Estados Unidos pode assumir uma ofensiva de grande efeito, a começar pelo ataque contra as ilhas de Salomão, com a tomada da ilha de Guadalcanal, onde os japoneses já tinham construído um aeródromo, para facilitar o seu domínio das vias marítimas para a Austrália e para a Nova Zelândia. Foram, porém, obstados nesse propósito e



Um avião japonês é destruído pelo fogo anti-aéreo de um navio porta-aviões dos Estados Unidos, durante o ataque contra as ilhas Marshall. Na gravura à direita vê-se uma das unidades mais valiosas nas operações de desembarque da guerra moderna — o transporte de guerra que conduz tropas e material bélico para as frentes de batalha

nunca mais puderam renovar com sucesso a tentativa nessa área vital para as forças aliadas. Ao mesmo tempo, tropas australianas e americanas, e aviadores americanos derrotaram os japoneses na Nova Guiné. Quando o inimigo, finalmente, julgou oportuno arriscar, mais uma vez, um ataque contra Guadalcanal, num esforço desesperado, encontrou tremenda oposição, perdendo na batalha dois couraçados e quatorze outras unidades. Mais tarde, o inimigo foi expulso do resto das ilhas de Salomão, perdeu todas as suas posições alcançadas nas ilhas Aleutas, no extremo norte do Pacífico, e foi obrigado a abandonar as ilhas Marshall e as

ilhas Gilberts, onde já se tinha instalada com poderosas fortificações. É certo que as forças aliadas ainda estão a considerável distância de Tóquio e os japoneses ainda estão firmes em muitas das ilhas estratégicas que conseguiram dominar logo no início da guerra, mas o primeiro objetivo foi alcançado: o inimigo está irremediavelmente impedido de perturbar as linhas de comunicações da Austrália e da Nova Zelândia.

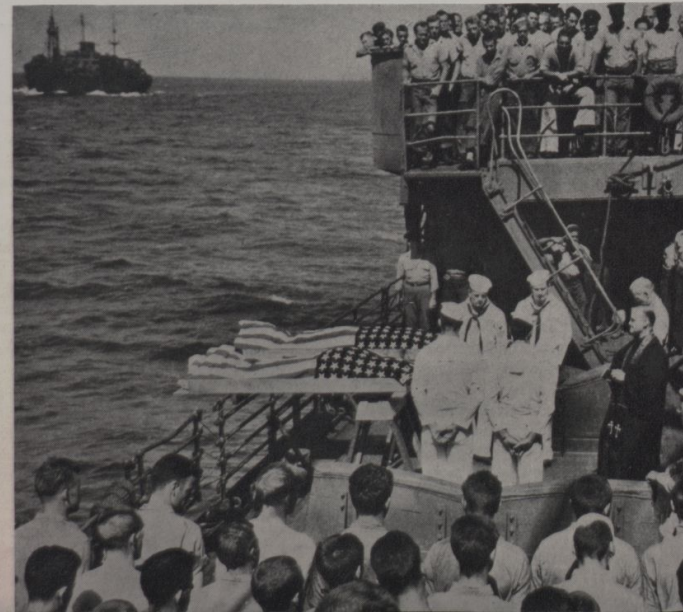
A mesma ação predominante da esquadra na guerra no Pacífico repetiu-se nas operações levadas a efeito contra a África do norte — ponto inicial da batalha que trouxe para os aliados o predomínio

nas águas do Mediterrâneo. E um dos elementos mais efetivos, conquanto não seja tão espetacular, tem sido o submarino. Trezentos e cinquenta e cinco navios mercantes e quarenta e um navios de guerra japoneses já foram postos à pique pelos submarinos norte-americanos, que, em ousada ofensiva têm se acercado dos próprios portos do inimigo. Para este ano, o almirante King assegura uma ação constante da Marinha contra o Japão: "Estudos estão sendo feitos para acelerar a ofensiva no Pacífico, num ataque sem precedentes contra o inimigo," declarou o chefe da esquadra dos Estados Unidos. Os efeitos da ofensiva já estão sendo sentidos.

A contínua ação dos submarinos norte-americanos contra a marinha mercante japonesa dificulta cada vez mais as operações do inimigo



A cerimônia do sepultamento, no mar, de dois marinheiros americanos, mortos em combate. Mais de quinze mil homens da Marinha dos Estados Unidos têm sido mortos durante esta guerra





Edward S. Kiatta, um dos pais recentemente incorporados às forças armadas dos Estados Unidos, pela necessidade de serem aumentados os efetivos combatentes

## OS PAIS TAMBÉM COMBATEM

QUANDO, pela primeira vez em tempo de paz, o governo dos Estados Unidos pôs em execução, em 1940, a lei do serviço militar obrigatório, teve especial cuidado de evitar o desmembramento da família, tanto quanto lhe permitissem as necessidades militares.

Antes do ataque contra Pearl Harbor, as juntas de alistamento militar estavam instruídas para isentar da conscrição, todos os cidadãos que fossem pais, cidadãos cujo número atingia milhões.

Com a continuação da guerra, porém, tornou-se necessário aumentar os efetivos das forças armadas. Por isso, o Congresso, em nova lei, revogou aquela isenção e os pais passaram a ser convocados para o serviço das armas. As forças militares, que já contam mais de dez milhões de homens, deverão incorporar em suas fileiras, durante o primeiro semestre deste ano, mais dois milhões, dos quais a metade é constituída de pais de família.

Um desses conscritos, recentemente incorporados, é Edward S. Kiatta, de 33 anos de idade, empregado de um armazem de secos e molhados. Trabalhava na cidade de Washington, capital da República, de onde é natural e onde tem passado a maior parte da sua vida. Morava numa pequena casa alugada, nos arredores da cidade, na companhia de sua família, composta da esposa, Ruth, e de suas filhinhas, Jo Ann e Judy. Perky, um inseparável bulldog, completava o conjunto doméstico. Há sete anos que Kiatta trabalhava nos Armazens Larimer, situados na Avenida Connecticut.

Juntamente com milhares de outros chefes de família, Kiatta recebeu ordem de se apresentar à junta de alistamento. No dia marcado, ele e mais 120 conscritos nas mesmas condições, foram submetidos à inspeção de saúde. Os médicos especialistas examinaram seus olhos, os ouvidos, o nariz e a garganta, fizeram análises de sangue e de urina, fizeram a radiologia do seu peito, assim como um rigoroso exame da sua pressão arterial, do coração e das demais condições físicas. Um psiquiatra, finalmente, examinou-o meticulosamente, para verificar a existência de qualquer anormalidade que pudesse incompatibilizá-lo com o serviço das armas. Kiatta passou em todas essas provas. E por

já ter feito seus estudos secundários, e ser, comprovadamente, um cidadão de boa conduta, satisfaz também os requisitos referentes à instrução e à idoneidade. Estava, portanto, em condições de se apresentar para a incorporação. Antes de ser incorporado no Exército, teve três semanas de licença, para pôr em ordem seus negócios particulares. Sua primeira preocupação foi garantir uma renda certa à sua família, o que conseguiu através da contribuição da praxe, feita, parte pelo governo, parte pelo seu patrão. Uma apólice de seguro de vida, emitido pelo governo, assegurou também o futuro da família.

Conseguiu ainda que sua mulher fosse trabalhar como caixa no armazem e tomou uma empregada para ficar a cargo da alimentação das crianças. Depois de dar todas as providências necessárias ao bem-estar dos seus, Kiatta, que não gosta de longas despedidas, no dia que teve de partir, beijou sua mulher e as filhinhas, acariciou o Perky e pouco falou. Ele e sua mulher prometeram-se mutuamente escrever sempre. Ela, por sua vez, só começou a chorar depois que o marido já tinha ido embora.

No centro de incorporação militar, Kiatta foi vacinado contra o tifo e contra o tétano e recebeu seu uniforme e equipamento. Três dias depois, apresentou-se no campo de treinamento, onde, durante dezessete semanas deveria fazer o curso básico de preparação militar. Uma vez terminada esta fase da instrução, estaria pronto para o serviço, tanto no território nacional, como com as forças combatentes na Europa, no Pacífico ou onde quer que o inimigo se encontrasse.

Antes de ter sua vida sujeita aos rigores da disciplina militar, Kiatta vivia exclusivamente para sua família, para seu trabalho e para seus amigos. O negócio de secos e molhados, que ele escolhera, é o mesmo a que se têm dedicado outros membros da sua família — seu avô e seu pai, na Síria, e um irmão e uma irmã, em Washington. Seu pai, que veio de Beirut para os Estados Unidos em 1899, conta atualmente 62 anos e ainda trabalha num armazem, no arrabalde de Georgetown, a parte mais antiga de cidade de Washington. Seus amigos mais íntimos são também do mesmo ramo de negócio. Há o



Kiatta, sua esposa e as filhas do casal. Antes de ter sido conscrito, morava com sua família, em Washington, perto do armazem de secos e molhados onde trabalhava

William Fungler, sempre alegre e prazenteiro, que é um dos gerentes dos armazens Larimer; o Andy Dawson, da seção de bebidas, o Alfred Falcone, da seção de verduras. São todos velhos amigos, de quase dez anos.

No lar, sua vida se revestia de toda a simplicidade. Quando os afazeres do armazem lhe permitiam jantar em casa, na companhia da esposa e das filhinhas, era com imensa satisfação que se apressava a reunir-se aos seus. Mas, ultimamente, com a escassez de empregados no comércio, suas horas de trabalho foram se alongando muito mais do que do costume.

Não obstante, o prazer de voltar para o seio da sua família como que o compensava pelo trabalho extraordinário. Depois do jantar, enquanto sua esposa e a filha mais velha, Jo Ann, de 11 anos, se encarregavam de lavar a louça e de pôr a cozinha em ordem, Kiatta repousava na sua poltrona predileta, lendo o jornal vespertino. Sua outra filhinha, Judy, de 2 anos e meio, brincava com o Perky, correndo pelos quartos.

Em geral, Kiatta não saía à noite, durante os dias de semana. Mas quando saía, era para levar a esposa ao cinema ou para visitar parentes ou amigos. Outras vezes, ia acompanhar sua filha Jo Ann ao rink de patinação, esporte a que ela se dedica com muito interesse.

Mas, fosse qual fosse o seu passatempo depois do jantar, Kiatta gostava de estar de volta à casa o mais cedo possível, porque tinha que se levantar às seis horas da manhã para começar a trabalhar às sete. O armazem só abre às oito horas, mas há sempre trabalho bastante para um empregado, antes de chegar o primeiro freguês.

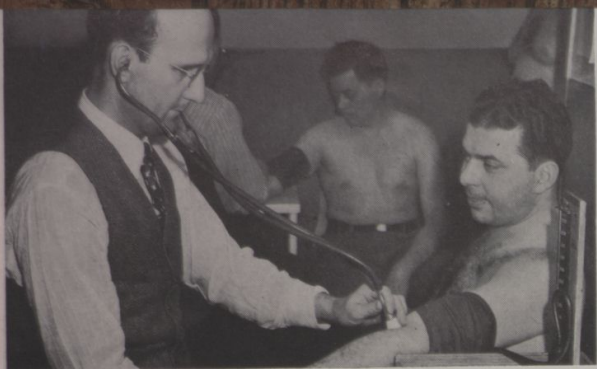
Seu trabalho era variado, mas consistia principalmente de atender ao abastecimento de gêneros do armazem e de dar o balanço nos dois depósitos pertencentes à firma, situados perto do armazem. Além disso, estava a cargo de preparar as tabelas de preços, de acordo com as determinações do governo, durante a presente emergência, para evitar a alta dos preços. Nos dias de racionamento e de escassez de vários gêneros alimentícios, Kiatta também se encarregava de explicar aos freguêses a razão da escassez, assim como a melhor maneira de fazer uso dos coupons de que dispunham para realizarem suas compras.

Quando Kiatta começou a trabalhar no armazem, este era um dos que mais se distinguia pela prontidão na entrega das compras e pela atenção que seus numerosos empregados prestavam aos freguêses. A guerra veio alterar essa norma. O racionamento da gasolina e a falta de peças e de acessórios para os



Depois do jantar, Kiatta costumava brincar com sua filha, Judy, a "caçula", gosta de montar a cavalo. Em baixo: já é hora de dormir, mas "Perky" continua ao seu lado





**Ao ser** submetido à rigorosa inspeção de saúde, num dos centros de incorporação do Exército: um dos membros da junta médica examina a pressão arterial de Kiatta



**Durante** importante exame da vista: com um olho coberto com um disco, lê os caracteres de diferentes tamanhos constantes de um quadro, colocado a distância



**Deixando** suas impressões digitais — detalhe dos mais importantes da incorporação de um soldado. É de grande valia na identificação das baixas sofridas em combate



**Antes** de serem inspecionados fisicamente, todos os conscritos são submetidos a um questionário referente à sua instrução e idoneidade. Kiatta preencheu todos os requisitos

auto-caminhões que faziam as entregas, reduziram o número dos veículos, de cinco para dois. E, cada vez mais, os empregados foram sendo convocados para o serviço militar, de modo que os freguêses não tiveram outro recurso senão se conformar com o novo sistema de se servirem a si mesmos, nas longas prateleiras do armazem, pagarem na caixa e carregarem para casa as suas próprias compras. Conquanto Kiatta tivesse sido o primeiro pai empregado do armazem, a ser incorporado no Exér-

cito, treze outros empregados o precederam, sendo incorporados no Exército, na Marinha e na Aviação. Um deles, Archie Tubbs, entrou em combate na Tunísia, foi ferido gravemente e, depois de se submeter a prolongado tratamento hospitalar, teve baixa do serviço, recebendo uma honrosa citação. E agora, está novamente trabalhando no mesmo armazem em que antes trabalhava.

Kiatta era bastante popular entre os seus companheiros e os freguêses. Sempre de bom humor e

prestativo, conquistou facilmente a estima geral. No dia em que se despediu no armazem, para se apresentar ao serviço militar, não lhe negaram elogios e sinceros votos de felicidade, numa espontânea demonstração de verdadeira amizade. Depois, seus dois velhos amigos, William Fungler e Andy Dawson, convidaram-no para um copo de vinho, bebendo à sua saúde. No dia seguinte, Kiatta seguiu para ser soldado — para servir sua pátria, tal como estão fazendo milhares de outros cidadãos.

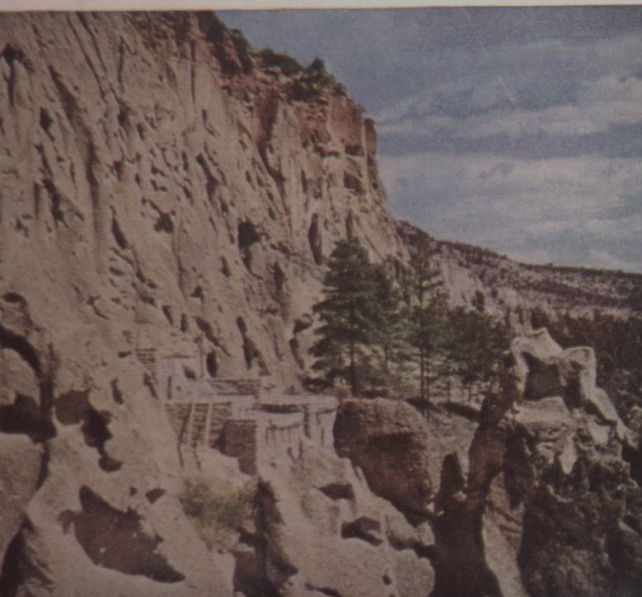
**Depois de passar satisfatoriamente em todos os exames, Edward S. Kiatta presta, finalmente, o juramento da praxe — afirmando sua lealdade aos Estados Unidos**



**Ingressando na vida militar: o ex-comerciário Edward S. Kiatta, um dos pais de família, que, como um milhão, ou mais, de outros nas mesmas condições, foi chamado às armas para apressar a vitória**



Um dos postos no Estado de Idaho, onde o gado lanígero, procedente de longínquas fazendas de criação, é submetido, regularmente, à tosquia, feita automaticamente



Ruínas de antigas habitações que datam dos séculos treze e quatorze, no Bandelier National Monument, no Estado do Novo México. A área preservada cobre uma superfície de 7.000 hectares na região de Frijoles e terras adjacentes. Em baixo: o rancho "Lazy V", no Estado do Colorado, famoso pela sua criação de cavalos árabes

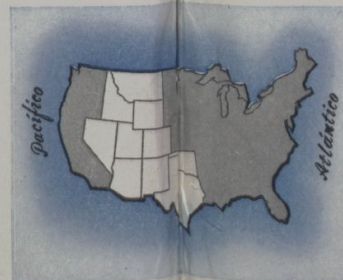


O lago Maroon, no Holy Cross National Park, no Colorado, é um dos mais elevados. Ao fundo vê-se o pico do Maroon, a mais de 4.000 metros acima do nível do mar

## OS ESTADOS DAS MONTANHAS E DAS PLANÍCIES

HÁ menos de um século, a região dos Montes Rochosos, no oeste dos Estados Unidos, era quase completamente inculta e deshabitada. O castor, o veado, o urso e o antilope eram ali encontrados em profusão. E nas planícies ao este, havia os búfalos, em grandes manadas. Em toda a região, mesmo na parte mais colonizada da costa, que se estendia para o sudeste até o golfo do México, as missões espanholas, construídas pelos frades franciscanos, e espalhadas numa vasta área, constituíam os marcos principais da civilização local. Hoje, essa enorme e próspera região dos EE.UU., que se alonga de um extremo a outro do país, desde o Canadá até ao México, está dividida em dez Estados.

Nas regiões montanhosas, onde, em 1850, o famoso Kit Carson chefiava numerosos grupos de caçadores e de exploradores, encontram-se agora populosas vilas e cidades. Nas planícies, onde o não menos famoso William F. Cody (*Buffalo Bill*) chegou a matar sessenta búfalos por dia, para alimentar os trabalhadores que estavam construindo a estrada de ferro transcontinental, destacam-se atualmente imponentes edifícios públicos e famosas universidades, atestados de grande progresso. A região é a menos habitada dos Estados Unidos. Conquanto abranja mais da terça parte do território



nacional, tem nove por cento apenas da sua população. Tem algumas grandes cidades, mas em suas vastíssimas planícies, em seus grandes desertos e em suas áreas montanhosas, por centenas de quilômetros, a população ainda é, em média, de menos de um habitante por quilômetro quadrado. E através da região, grandes rebanhos de gado vacum e lanígero pastam nas planícies e nas encostas das montanhas. Desde a fronteira do Canadá até às margens do rio Grande, ao sul, os cowboys, montando fogosos cavalos do oeste, arrebanham o gado, que constitui a principal e sempre crescente fonte de carne do país inteiro. O Estado de Wyoming é especialmente famoso pelos seus rodeios, nos quais os cowboys mostram a sua habilidade em atirar o laço e em montar cavalos chucros. As cidades de Wyoming têm se desenvolvido graças às suas indústrias de pecuária e de frigoríficos.

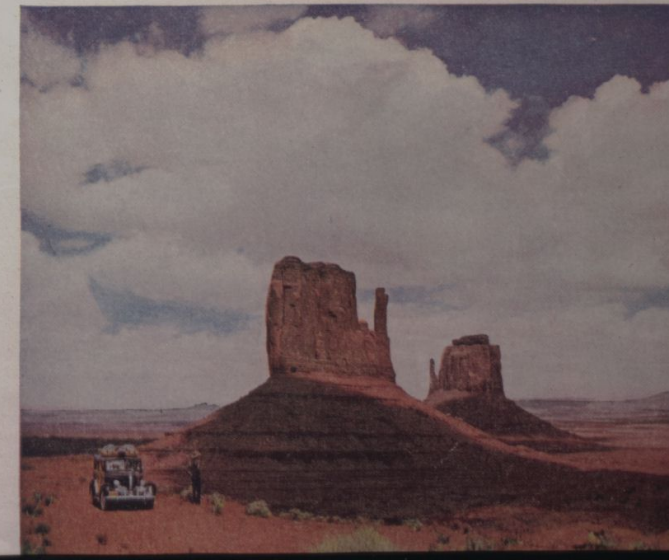
A mineração é também importante na região, especialmente nos Estados situados na sua parte setentrional. Os Estados de Nevada e do Colorado são grandes produtores de prata. No Estado de Utah, a mineração do cobre é feita em grande escala, enquanto que no de Idaho, a produção principal é a do chumbo. Nos Estados que ficam mais ao sul, especialmente em Oklahoma e no Texas, estão as grandes jazidas de petróleo, fonte da



O geyser "Old Faithful," no Yellowstone National Park, no Estado de Montana. De hora em hora jorra água a ferver, a 50 metros de altura, durante cinco minutos



A tradicional Missão de San Xavier, cogominada "A Pomba Branca do Deserto", situada na região de Tucson, no Estado do Arizona. Foi construída entre 1783 e 1797, sob a direção dos missionários franciscanos que catequizavam os índios Papagos. Em baixo: vista de Mitten Butten e do famoso vale do Monumento, no Estado de Utah



**(Continuação)**

Até mesmos os próprios norte-americanos, às vezes, custam a acreditar que tenha sido tão recente o desenvolvimento dessa região. A construção da primeira estrada de ferro transcontinental, por exemplo, data de 1869. Cinco dos Estados foram constituídos há menos de cinquenta anos. Os Estados de Novo México e de Arizona foram incorporados à União em 1912, o de Oklahoma, em 1907; o de Utah, em 1896, os de Idaho e de Wyoming, em 1890; o de Montana, em 1869; o de Colorado, em 1876; e o de Nevada, em 1864. Nenhum data de mais de cem anos.

O primeiro foi o Texas, cuja incorporação teve lugar em 1845. É o mais extenso dos Estados e é o único que foi uma república independente antes de formar parte dos Estados Unidos. Pela mesma razão, foi o único cuja incorporação foi feita em virtude de um tratado. O tratado estipula que o Texas pode dividir-se em até quatro Estados, quando a sua população tiver aumentado suficientemente, mas os texanos se orgulham tanto da vastidão do seu Estado que não pensam mais em dividi-lo.

No rápido desenvolvimento dos Estados das montanhas e das planícies continuava viva a influência da cultura espanhola. Em 1519, Alonso Alvarez de Pineda explorou o rio Bravo e levantou a planta de parte do território do Texas. Alvaro Cabeza de Vaca, que deixou a Espanha em 1527, como tesoureiro da expedição Narvaez, e que sobreviveu, com alguns companheiros, ao naufrágio da expedição, explorou o Texas e outras terras ao longo da costa do golfo do México. Durante os duzentos anos que se seguiram, noventa e duas expedições desbravaram o território. Edificações de missionários, que são verdadeiros tesouros de arte e de arquitetura, foram deixadas pelos frades franciscanos, não somente no sul, mas também ao norte.

Três Estados, o do Texas, o do Novo México, e o do Arizona, têm fronteiras em comum com a República do México. Ao longo de uma linha fronteiriça de 4.000 quilômetros são mantidas as mais cordiais relações com o povo mexicano. Entre os Estados Unidos e o México há grande movimento de cidadãos de ambos países, que cruzam diariamente as

pontes internacionais sobre o rio Bravo. A cordialidade das relações entre as duas grandes repúblicas teve uma de suas mais expressivas demonstrações em 1943, por ocasião das comemorações do Dia da Independência do México. Topas dos Estados Unidos tomaram parte na grande parada das forças mexicanas, realizada em Mexicali, localidade mexicana situada na extremidade da linha fronteiriça. O general de brigada Miguel A. Marron, comandante das tropas do México na zona de Mexicali, referindo-se à solenidade, declarou:

“O Exército mexicano se orgulha da participação das tropas dos Estados Unidos nesta comemoração nacional mexicana, que é, para nós, a mais importante — a do dia da nossa independência.”

O general de brigada T. K. Brown, do Exército dos Estados Unidos, respondeu, dizendo:

“Aproveitamos com a máxima satisfação e alegria o ensejo de poder participar da comemoração do Dia da Independência da nossa república irmã, marchando lado a lado com as tropas mexicanas.”

O algodão, que Cabeza de Vaca encontrou no Texas, em estado silvestre, quando explorou o território, em 1528, é hoje o principal produto do Estado. Mais ao norte, o trigo e os legumes, principalmente a beterraba, são cultivados abundantemente. Quando, em 1860, se descobriu ouro em vários pontos da região montanhosa, houve uma verdadeira corrida para a exploração do precioso metal. Mas não tem sido o ouro apenas a riqueza mineral da região; o cobre e a prata também são importantes fontes dessa riqueza.

No Texas e no Estado de Oklahoma, que fica ao norte, há grandes refinarias de petróleo, empregando milhares de trabalhadores. Desde o começo da guerra, esse produto tem se tornado dos mais vitais. Grande fábricas de aeroplanos foram construídas nessa região, onde também estão situados grandes centros de concentração de tropas e de aviadores, em ativa preparação. Outras fábricas, também de enormes proporções, estão atendendo ao fornecimento de partes componentes de navios mercantes, cuja montagem é feita nos numerosos estaleiros da costa do Pacífico e noutros pontos do país.

A pecuária, entretanto, constitui a ocupação da maior parte dos habitantes da região. Há enormes fazendas de criação, de centenas de quilômetros quadrados, onde os cowboys, com seus grandes chapéus de abas largas e suas botas de salto alto, são tipos dos mais característicos da vida campesina do oeste norte-americano, fartamente celebrados em prosa e verso.

De autoria de um dos maiores pintores dos Estados Unidos — Charles M. Russell — cognominado pintor cowboy, que viveu em Great Falls, no Estado de Montana, é o famoso quadro “A última das cinco mil”, no qual se vê uma única novilha sobrevivente de uma boiada que fora vitimada pelos rigores do inverno. A tela revela o profundo interesse que as populações do oeste sentem pelo gado. Russell morreu em 1926 e, em Great Falls, acha-se agora em exibição uma importante coletânea dos seus trabalhos. Montana também tem uma interessante coleção de quadros do padre Ravelli, o primeiro pintor do Estado, cujos trabalhos, na tela e em madeira, estão preservados na Missão de St. Mary, em Stevensville, e no Museu Histórico do Estado.

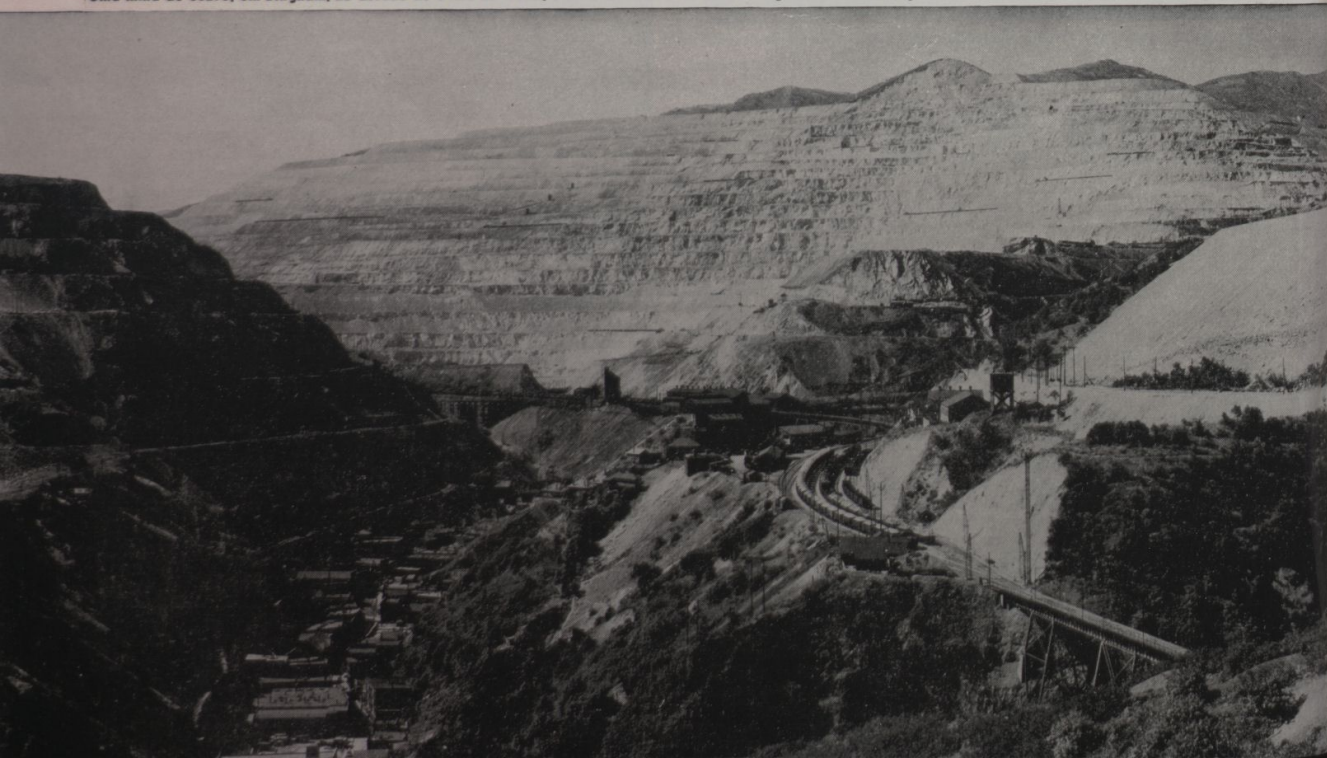
As dimensões do oeste, com suas enormes fazendas de criação, suas altaneiras montanhas e seus grandes desertos, apresentam aspectos impressionantes. As dificuldades da jornada para a costa do oeste foram acentuadas pelos primeiros escritores que se dedicaram a descrever a região. Um dos empreendimentos mais sensacionais foi o “Pony Express”, iniciado em 1860. Foi o primeiro serviço de correios através das serras, feito a cavalo. William F. Cody, o famoso Buffalo Bill, foi um dos pioneiros desse serviço, assim também Kit Carson, que se tornou célebre por ter conduzido 6.500 cabeças de gado, através das montanhas, para Pasadena, na Califórnia.

Tais feitos têm inspirado muitos filmes cinematográficos, nos quais as cenas do farwest daquela época são repassadas do extraordinário heroísmo dos cowboys, na sua constante luta contra os índios. Naquele tempo havia muitas tribus hostis, mas, atualmente, os índios são pacíficos cidadãos, desfru-

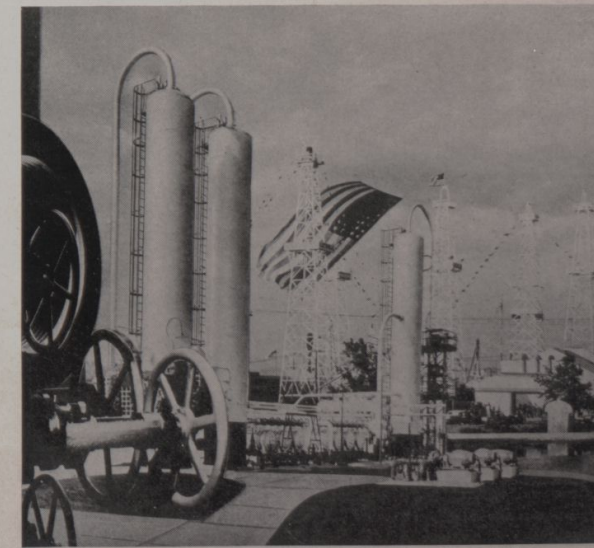


A condução do gado para a tradicional ferra, no Grand Teton National Park. Ai, as pastagens são alugadas pelo governo aos numerosos criadores da região

Uma mina de cobre, em Bingham, no Estado de Utah. Em 1860, o ouro dominava no oeste. Agora, o cobre, a prata e o chumbo são os seus produtos principais



Confirmando a sua fama de ser um dos celeiros da nação, o Estado de Idaho é conhecido pelas suas plantações de batatas, reconhecidas de superior qualidade e de grande consumo em todos os Estados da União. Idaho foi constituído em Estado em 1890



Tulsa, no Estado de Oklahoma, é cognominada “a capital do petróleo”. Foi sede da Exposição Internacional de Petróleo, de 1942. Na gravura vê-se os poços de petróleo conforme foram exibidos durante o certâmen, ora suspenso enquanto durar a guerra



**(Continuação)**

tando os benefícios da educação e do progresso da região. Os cowboys costumavam conduzir suas boiadas por longas distâncias até aos mercados consumidores. Agora, as vias férreas se encarregam do seu transporte. Tal é a transformação que se verifica no oeste.

O cowboy, naturalmente, conserva a sua pitoresca indumentária, mas o resto da população do oeste veste-se como nas outras partes do país. Modernas vias de comunicações, de rodovias e de estradas de ferro, têm facilitado a distribuição de artigos do vestuário comum por toda parte. Em quasi todos os lares há um rádio, que, juntamente com o jornal, serve para divulgar rapidamente as notícias pelo país inteiro. Até mesmo a dição dos habitantes do oeste tem sido influenciada pela constante irradiação de programas do éste. No oeste se fala mais vagorosamente.

Tem sido notável no oeste o desenvolvimento cultural das artes e das letras. Nas cidades de Houston e de Matagorda, no Texas, antes de se construírem os edifícios da municipalidade, já possuíam magníficos teatros. E, ali, o teatro de amadores é cultivado intensamente, a despeito do desenvolvimento do cinema e de certo declínio notado no teatro profissional.

Nos primeiros tempos, apesar da distância de 3.000 quilômetros, entre o Texas e Nova York, famosos artistas, como Edwin Booth, Edwin Forrest, Helena Modjeska e Sarah Bernhardt, lá iam frequentemente atraídos pelo interesse do público local. A atriz Irene Franklin foi ao Texas fazer uma temporada de uma semana, mas, atendendo ao apêlo do público, prolongou-a por cinquenta semanas. O Texas tem produzido numerosas estrelas do cinema, destacando-se Bebe Daniels, Joan Crawford, Ginger Rogers, Ann Sutherland e Mary e Madge Bellamy.

Fort Worth é o principal centro da indústria frigorífica do Estado, enquanto que Houston, ligada ao golfo de México por um canal de oitenta quilômetros de extensão, é o seu maior centro de navegação. Outra grande cidade é San Antonio, onde é notável a influência das tradições espanholas. Com o desenvolvimento de tais cidades e o progresso que a agricultura tem tido no Texas, a sua

população já está em 6.500.000 habitantes, cifra que é mais do que metade do total da população dos dez Estados situados na região das montanhas e das planícies. E a área do Texas é mais do que o dobro da área de qualquer outro Estado.

O desenvolvimento artístico tem sido, não obstante, mais acentuado no Estado do Novo México, que fica situado ao noroeste do Texas. Em Taos e em Santa Fé foram fundadas várias colônias de artistas. A Universidade de Santa Fé oferece cursos de diversos ramos de arte e proporciona salões, absolutamente gratuitos, a todos os artistas que quizerem exhibir seus trabalhos. A universidade foi fundada em 1606 pelos espanhóis e a cidade é a segunda dos Estados Unidos, em antiguidade.

Em muitos pontos do Novo México se fala mais espanhol do que inglês, e o idioma que se ouve nas regiões mais remotas do Estado tem mais semelhança com o espanhol do tempo de Cervantes do que com o espanhol moderno. Os pintores do Estado mostram preferência pelos assuntos referentes ao tempo dos primeiros exploradores, da época de Cabeza de Vaca e de Don Juan de Oñate. Este chefou uma expedição, em 1598, ao território que é hoje o Estado de Novo México. Uma das obras literárias mais apreciadas é a epopéia de autoria do capitão Don Gaspar Pérez de Villagra, que tomou parte naquela expedição. O pintor mais notável do oeste é Stephen Mapope, um índio Kiowa, de Oklahoma, que completou seus estudos universitários. Mapope pintou uma série de murais a fresco no edifício do Departamento do Interior, em Washington. Trabalhos seus têm sido expostos em algumas das galerias mais importantes do mundo. A influência aborígene é muito acentuada em Oklahoma, o Estado que fica ao norte do Texas. Havia trinta tribus de índios em Oklahoma, e seus descendentes compõem trinta e seis por cento da população do Estado.

A oeste do Novo México está o Estado do Arizona, onde se encontra o famoso Grand Canyon, de 1.800 metros de profundidade, no curso do rio Colorado, e considerado como uma das maravilhas do oeste. Ao norte, ao longo dos pinheirais dos montes Rochosos, estão cidades e vilas situadas entre altaneiros picos eternamente cobertos de neve.

Muitas das maravilhas naturais desta região — cavernas, geysers, geleiras e magníficas paisagens — têm sido preservados em parques nacionais.

No Colorado encontra-se a rodovia mais elevada dos Estados Unidos, a mais 4.000 metros de altura, e, através desse Estado está situada a grande linha divisória continental, num lado da qual os rios correm para o Pacífico e no outro lado correm para o Atlântico. O Colorado tem também a maior cidade da região montanhosa — Denver, com uma população de 350.000 habitantes.

É comum, nos Estados Unidos, falar em região montanhosa como sendo simplesmente o oeste, sendo que a região mais além, na costa do Pacífico, é o far west. Os Estados das planícies, na bacia do Mississippi são geralmente chamados do centro oeste. Mas o oeste quer dizer a terra de William F. Cody, cognominado Buffalo Bill, e de Kit Carson, cujo nome de batismo era Christopher. Os feitos destes escoteiros, na vastidão daquela região, exaltaram a imaginação de muitas gerações, e eles estão entre os maiores heróis nacionais. O túmulo de Buffalo Bill fica no tope do monte Lookout, perto de Denver, e é visitado por milhares de pessoas, todos os anos. A caça ao castor, tão popular naqueles tempos, não mais existe, e os búfalos, assim como muitos outros animais da região só são encontrados atualmente nos parques nacionais. Conquanto as histórias do velho oeste sejam profundamente dramáticas, aquele período tinha as suas desvantagens. O banditismo florescia abertamente e ninguém podia estar seguro da sua vida; e, quanto aos animais da região, estes estavam sendo exterminados rapidamente. Agora, que os governos estaduais estão estabelecidos em toda a região, seus residentes estão garantidos e os animais são conservados livremente numa vasta área de milhares de quilômetros. Todos os Estados têm universidades e colégios. Todos são atravessados por excelentes rodovias e vias férreas. Modernos métodos de irrigação têm servido para melhorar a cultura das suas terras, que, antes, em grande parte, eram áridas. A pecuária também tem progredido consideravelmente. A produção de aveia, de centeio, de beterraba e de batatas tem aumentado constantemente. E com a guerra, o oeste está sendo um dos grandes celeiros da nação.



O grande porto de Houston, no Texas, que se comunica com o golfo de México por um canal de 80 quilômetros de extensão, navegável por grandes transatlânticos



Grupo de estudantes da Escola Burbank, em San Antonio, no Texas, durante a cerimônia da entrega dos prêmios aos membros do Team de football. Muitos dos alunos dessa escola são mexicanos



Uma das maiores universidades do Oeste — a do Estado do Novo México. Vemos na gravura os alunos durante uma hora de recreio, na famosa instituição



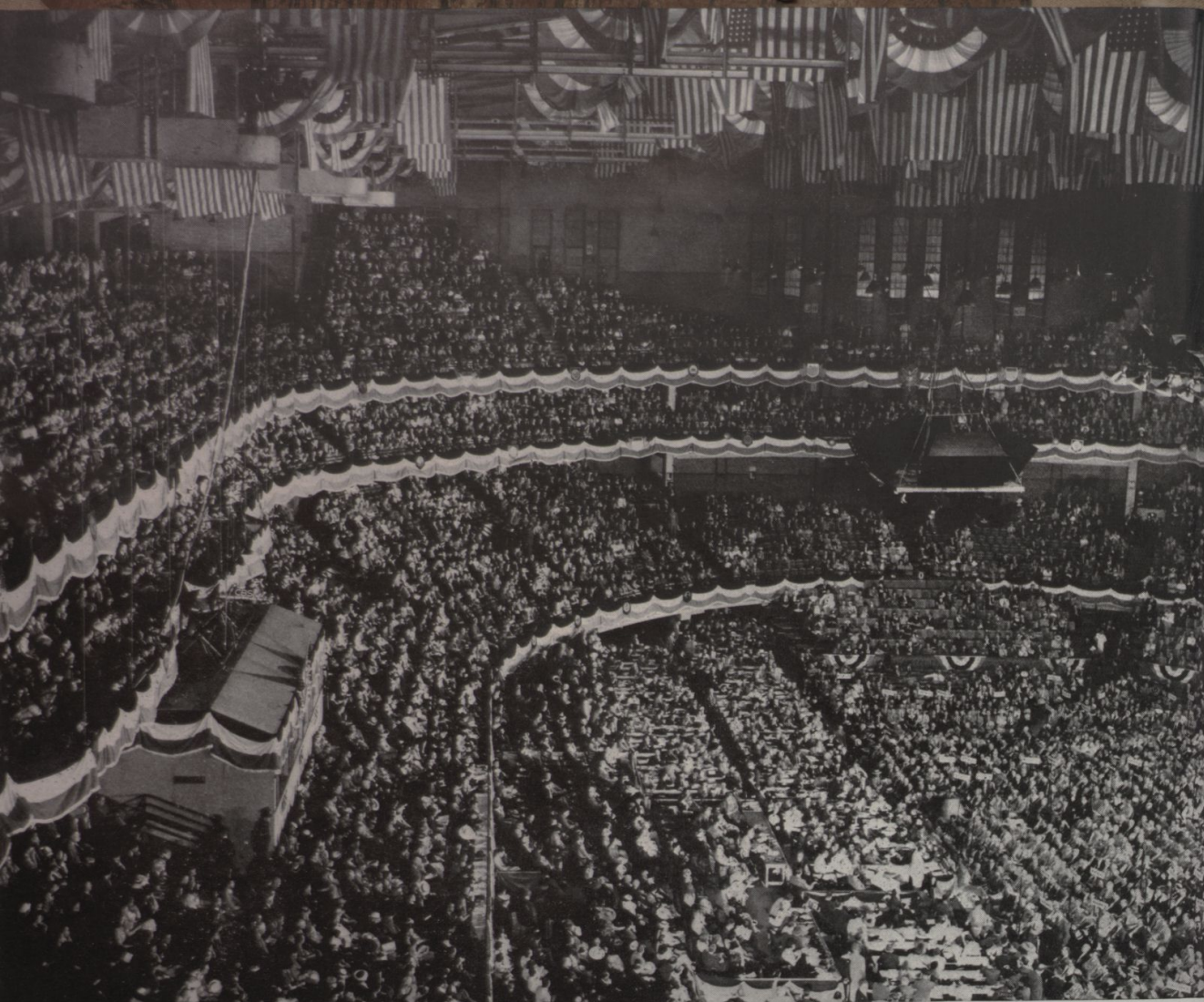
Uma esquadriha de aviões voando sobre o edifício da administração da escola de aeronáutica do Randolph Field, no Texas



O cadete Sam Van Arsdal Jr., dos Estados Unidos, e o soldado Edmond Dias, do México, ambos matriculados na escola de aviação do campo Foster, no Texas. Numerosos cadetes mexicanos estão estudando nos EE.UU.



O afamado Museu de Santa Fé, no Estado do Novo México. As preciosas tradições artísticas do Estado atraem, todos os anos, numerosas pintores e escultores



De quatro em quatro anos, os dois grandes partidos políticos dos EE.UU. realizam suas respectivas convenções para a seleção dos candidatos presidenciais

# ELEIÇÕES

PARA ÊSTE ANO

DESDE a fundação e a adoção da Constituição, há mais de um século e meio, que, de quatro em quatro anos, o povo dos Estados Unidos se manifesta pelas urnas, tomando uma grande decisão de caráter nacional — e da eleição do Presidente e do Vice-Presidente. Este é um ano em que se realizará essa eleição.

O processo de levar a efeito o sufrágio para o preenchimento dos referidos cargos, os mais elevados na administração pública do país, tem variado ligeiramente através dos tempos, durante períodos de crise ou durante períodos de prosperidade, ou ainda, em tempo de paz ou em tempo de guerra.

Acima de tudo, porém, os princípios e as personalidades representam um papel de grande significação na escolha do Presidente e do Vice-Presidente da República. A situação que existir, por mais que traduza, para uma grande maioria, os benefícios de uma boa administração, não escapa, ao chegar o momento preparatório da eleição, a um contraste com as dúvidas e com as divergências alegadas por outros. E a decisão final depende, em última análise, da opinião ponderada do eleitorado que concorre às urnas no dia previamente designado, sempre no mês de Novembro.

Talvez que pelo fato de estarem os Estados Unidos presentemente em guerra, o senso de responsabilidade do cidadão, em geral, tem se tornado mais agudo, fazendo com que os debates de ordem política tenham se iniciado, êste ano, mais cedo do que do costume. Do momento em que a nação se envolveu na guerra, em Dezembro de 1941, tornou-se evidente na opinião pública uma profunda ponderação sobre os princípios básicos que regem a existência da nação, princípios que dignificam a vida, a liberdade e a própria razão de desfrutá-las.

Como que repentinamente todos passaram a pensar em termos universais. Foi, para a nação, o surgir de uma nova era, de maiores e mais graves responsabilidades que viriam refletir-se na conduta de cada cidadão. Esta circunstância, por sua vez, tinha que se ligar às eleições a realizarem-se em 1944.

A eleição de um presidente, nos Estados Unidos, começa, a bem dizer, no lar do próprio cidadão, no seio da família do eleitor. O cidadão pode ser um simples trabalhador do campo ou um presidente de banco; um ferreiro ou um notável educador, ou mesmo uma dona de casa ou uma simples estenógrafa, porque a mulher também tem o direito do voto. Os princípios expostos à apreciação do eleitorado, numa campanha política, formam-se de uma variedade de circunstâncias que afetam a vida de cada cidadão em particular. Por isso, o seu efeito é sentido em todos os lares, onde o curso das opiniões, pró ou contra, se define naturalmente em suas



A reunião dos delegados de cada um dos quarenta e oito Estados da Federação



Veteranos da guerra civil fazendo uma demonstração pública, na cidade de Nova York, em 1868, a favor do seu candidato à suprema magistratura da nação



Os proeminentes cronistas políticos da imprensa norte-americana nunca perdem uma convenção. Aqui vemos um aspecto da galeria da imprensa durante os trabalhos do conclave



Uma reunião dos líderes dos partidos políticos, antes da convenção. Na graciosa vê-se Robert E. Hannegan, presidente do comitê do partido democrata



Os líderes republicanos reuniram-se em Janeiro. Vemos aqui o presidente da comissão nacional do partido, Harrison E. Spangler, aceitando um copo d'água de W. Hallahan

## ELEIÇÕES PARA ÊSTE ANO (Continuação)

diretrizes. E a opinião que se forma no lar, expande-se e toma corpo nas esquinas, nas fábricas, enfim, em todos os centros de atividade da nação. Em sua forma coletiva, ela se corporifica nas idéias de um indivíduo ou num conjunto de princípios, ou ainda em ambos esses elementos. O indivíduo é um cidadão que, na opinião de uma considerável maioria de seus pares, apresenta-se com as devidas qualificações para assumir a suprema direção do governo. Sejam quais forem as correntes de opinião, há sempre um homem que se apresenta com as necessárias qualificações para enfrentá-las.

Os Estados Unidos são uma nação em que predomina o sistema de dois partidos políticos, porque, a não ser em um ou dois casos, seus governos têm sempre tido oposição organizada somente de um partido da minoria. Pode acontecer que uma filosofia qualquer, bem definida, mas impopular, se desenvolva, conquistando numerosos adeptos em alguns Estados, e tornando-se, às vezes, um fator político predominante local. Mas, encarando-se o conjunto nacional, a competição tem sido, de há muito tempo, entre os dois maiores partidos, o republicano e o democrata.

E nas pequenas localidades que se formam as primeiras correntes de opinião política e é também aí que começa a se movimentar a grande entzaagem que produz os presidentes. A pequena escola rural é o microcosmo da vida nacional. Ali, ao alcance dos eleitores locais, é feita a seleção do grupo de cidadãos que representará os sentimentos dos seus próprios conterrâneos e vizinhos, numa outra reunião formada de delegados escolhidos por outros grupos similares procedentes de outras comunidades. Nessa reunião, ou convenção política, é então escolhido dentre os que a compõem, um grupo que a representará na convenção estadual. Nesta convenção, por sua vez, são designados os delegados que representarão o Estado na convenção nacional do partido.

Esta é a norma geralmente seguida pelos dois maiores partidos políticos. Em alguns dos Estados mais populosos, realizam-se eleições presidenciais denominadas primárias, cujo fim é dar ao eleitorado uma oportunidade de registrar a sua escolha de uma maneira mais direta, mas com o mesmo objetivo. A convenção que indica os candidatos presidenciais é uma instituição peculiar aos Estados

Unidos. Certo estadista estrangeiro, que compareceu a uma dessas convenções, depois de seis dias de debates, declarou que em parte alguma do mundo seria possível encontrar coisa semelhante. Para ele, aquilo era um estudo de psicologia humana apresentado numa série de aspectos de rápida sequência.

Meses antes da convenção, os candidatos ou seus correligionários políticos, estão em campo, batendo-se pelo apôio necessário de líderes ou de grupos locais e de compromissos finais das delegações à convenção. Algumas vezes, um candidato declarado pode apelar diretamente para o apôio dos delegados, antes de se realizar a convenção, mas, geralmente, os candidatos preferem permanecer alheios às contensões pre-convenção. Não obstante, os principais candidatos, em cada um dos partidos, são geralmente conhecidos antes da reunião das convenções, não somente por causa da atitude daqueles que os apoiam, como também em virtude do resultado das votações públicas, sem caráter oficial, mas frequentemente de grande significação. Os próprios candidatos, muitas vezes, deixam transparecer o seu propósito antes da convenção.

Nas últimas semanas anteriores à reunião da convenção nacional verifica-se, finalmente, a competição cujo fim é alcançar o maior número de votos dos respectivos delegados. São então discutidos em público todos os pontos essenciais da contenda política e os aspectos referentes à personalidade dos candidatos. Chega o dia designado para a convenção do partido. Reunem-se os mil delegados, aproximadamente, que representam os 48 Estados e territórios. É o voto desses delegados que vai selecionar o candidato do partido. Em tempo de paz, todas as grandes cidades, com acomodações bastantes para reunir os delegados e milhares de espectadores, e com os hotéis para hospedá-los durante o tempo que durar a convenção, oferecem seus préstimos, fazendo questão de serem distinguidas pela honra da escolha. Este ano, porém, com a nação em guerra, com os meios de transporte superlotados e por causa dos afazeres extraordinários que absorberam a todos, Chicago, por se achar em ponto central, foi a cidade escolhida para ambas convenções, a do partido republicano e a do partido democrata, conforme sucedeu no ano de 1932. O partido republicano, esperando voltar ao po-

der, depois de doze anos, foi o primeiro a se preparar para a sua convenção, que deverá realizar-se em Junho. O partido democrata terá a sua convenção em Julho. Outros partidos menores agem de acôrdo com a sua conveniência, apresentando-se oportunamente ao eleitorado.

A convenção de cada um dos grandes partidos atrai a atenção geral da nação, durante as suas sessões, que podem se prolongar por duas semanas ou mais, dependendo do tempo necessário para os delegados chegarem a um acôrdo. Os eleitores, espalhados pela nação inteira, acompanham, pelos jornais e pelo rádio, a marcha dos trabalhos da convenção. Durante este período, o Congresso Nacional, geralmente, suspende suas sessões.

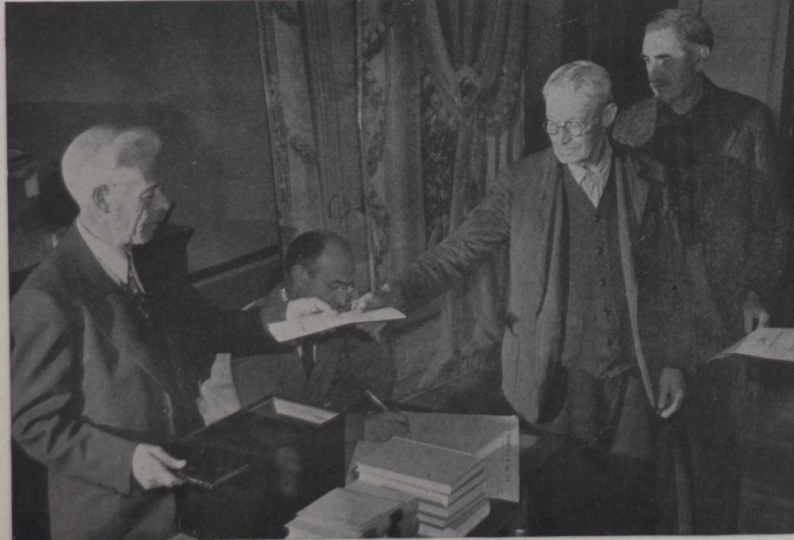
O número de delegados que representam cada Estado depende principalmente da população do mesmo. Pode variar, desde meia dúzia de delegados dos pequenos Estados, até um total de quase cem, do Estado de Nova York, que é o de maior população.

A abertura dos trabalhos da convenção se reveste de formalidades tradicionais, num mixto de consagração política e de manifestações partidárias. O discurso oficial da inauguração, proferido por um líder político de proeminência nacional, é um dos grandes momentos da solenidade. O orador, segundo a praxe, define em linhas gerais os objetivos do partido, seus princípios e as questões predominantes na campanha que se avizinha. Uma comissão especial dá início imediatamente à redação da plataforma do partido, documento que constitui a base sobre a qual se desenvolve toda a campanha em prol dos candidatos à presidência e à vice-presidência da República. Os discursos feitos por ocasião da apresentação dos candidatos escolhidos pela convenção se revestem também de vigorosa linguagem partidária, constituindo verdadeiros primores de oratória política.

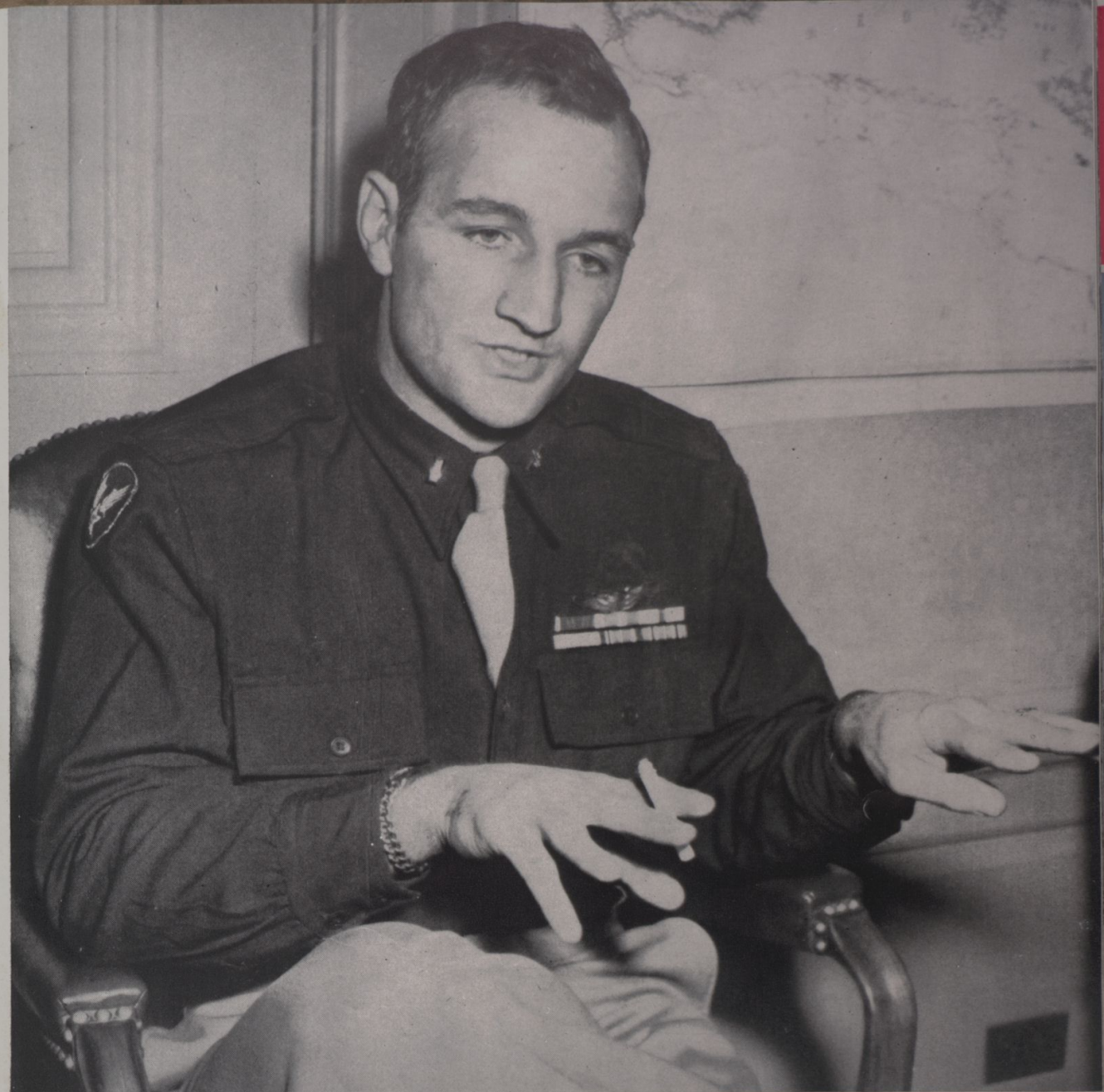
As primeiras votações para a seleção dos candidatos presidenciais, em geral não são decisivas. Vários Estados têm seus "filhos favoritos" — o próprio governador em exercício, um dos senadores ou qualquer líder político — para apresentar à seleção, esperando conseguir que o apoiem, como uma prova de amizade pessoal, ou talvez para manter a sua delegação livre de dar seu voto em favor de um dos que forem se tornando candidatos mais votados.



Nas grandes cidades do país, a votação é feita por meio de máquinas. Esta senhora, que acabou de dar o seu voto secreto, prepara-se para deixar a cabina



Nas cidades pequenas e na zona rural, o voto é manuscrito. As mesas eleitorais, compostas de membros, em número igual, dos dois maiores partidos políticos fazem a apuração dos votos. Vê-se na gravura o chefe de polícia S. Flagg, da vila de Mason, no Estado de Nova Hampshire. Acabou de lançar o seu voto, que será colocado na urna



O tenente Tom Harmon, um dos maiores heróis da aviação militar dos EE.UU. Por duas vezes já foi dado como desaparecido, depois de saltar do seu aeroplano

UM dos atletas mais populares dos Estados Unidos está sendo um dos maiores "ases" da Aviação Militar, o tenente Tom Harmon. Famoso nas lides desportivas, como um dos maiores jogadores de football da Universidade de Michigan, Harmon, entrou para a aviação e tem confirmado o seu grande valor e coragem. Por duas vezes, já foi dado como desaparecido, mas conseguiu voltar, a pé, para sua base, depois de ter saltado, de para-quêda. Em Abril último, o bombardeiro que ele pilotava precipitou-se ao solo, sendo destruído, na Guiana Holandesa. Escapando com ligeiros ferimentos, o tenente Harmon conseguiu chegar à sua base, depois de sete dias. Foi depois designado para servir na área do Mediterrâneo e ali, durante quatro meses, tomou parte proeminente nos combates aéreos sobre o Norte da África e sobre a Sicília.

## TOM HARMON

UM HEROI DA AVIAÇÃO AMERICANA

Pouco depois, foi mandado para o "front," na China. Em Outubro último, em companhia de sete outros aviadores americanos, o tenente Harmon tomou parte no bombardeio das docas de Kiukiang, em poder dos japoneses, nas margens do rio Yantze, na região central da China. Foram interceptados por vinte aviões inimigos. O tenente Harmon, que pilotava o último aparelho da formação, viu serem destruídos dois aviões norte-americanos e dois japoneses. Ele próprio destruiu a nacele de um dos

aviões inimigos que passaram perto do seu aparelho. "Eu estava fazendo um mergulho, a 650 quilômetros por hora," declarou o tenente. "Voltei e vi-me sob um outro avião inimigo. A uns cinquenta metros, fiz fogo com todas as minhas armas. O avião japonês desapareceu envolto em chamas. Pouco depois, uma bala de um dos aparelhos inimigos atingiu o meu avião e outra bala, incendiária, atingiu a minha nacele. Procurei extinguir o fogo com as mãos, mas foi impossível. Resolvi saltar.

O tenente Harmon caiu num lago e nadou para terra, numa região montanhosa. Conquanto estivesse em território dominado pelos japoneses, encontrou alguns chineses amigos que o ajudaram a escapar. Depois de trinta e dois dias de contínua caminhada, conseguiu chegar a um aeródromo na China, de onde regressou para os Estados Unidos.



A GUERRA NA

# SELVA

QUANDO, a bordo de um transporte de guerra, ao largo de uma das ilhas do Pacífico, é dada a ordem de "preparar para desembarcar", que se ouve em todos os recantos do navio, através dos alto-falantes, há, entre a tropa, um verdadeiro alívio. A longa expectativa chega ao seu termo. Os soldados já sabem o que os aguarda, mas se preparam, jovialmente, para o árdua tarefa. Fumam com maior satisfação, falam com mais desembaraço e movimentam-se em todas as direções. Todos sabem que, durante semanas ou meses, vão estar numa luta encarniçada contra um inimigo poderoso e traiçoeiro, no espesso de matas virgens, sob chuvas torrenciais, numa região inhospita e doentia. Completamente estranhos a esse clima e ao terreno local, os soldados norte-americanos, em dois anos, têm se preparado para enfrentar e derrotar os japoneses, de há muito afeitos à natureza da região. A luta tem sido quase constante. Os japoneses têm sido expulsos das ilhas de Salomão, da maior parte da Nova Guiné e de numerosas ilhas situadas nas imediações.

A batalha começa geralmente quando os transportes atropetados de tropas, escoltados por navios de guerra, lançam ferro ao largo de alguma ilha tropical, e os canhões dos vasos de guerra abrem fogo contra os alvos em terra. Em seus alojamentos a bordo, os soldados preparam seu equipamento, polem seus fusis Garand e as as submetalhadoras.

Há uma sensação de grande ansiedade. Existe sempre a possibilidade de um ataque por bombardeiros inimigos assim que os japoneses percebem a presença dos navios. Frequentemente, seu ataque ocorre dentro de poucos minutos, e o ruído ensurdecedor dos aviões que atacam e que defendem, juntamente com o troar da explosão das bombas, no mar, é ouvido distintamente. Os soldados, treinados para a campanha em terra, não gostam de ficar encerrados a bordo, sem uma oportunidade de contra-atacar.

De repente, pelos auto-falantes ouve-se a ordem de arriar as chatas de desembarque. Os soldados não escondem a sua sensação de alívio. Completamente armados e equipados, começam a formar no convés e a descer, da maneira mais prática e rápida possível, pelas rédes de cordas colocadas ao longo do costado do navio.

Às vezes as chatas de desembarque são afundadas pelo fogo do inimigo, mas, com mais frequência, conseguem chegar à terra. A tropa avança pela praia e começa a construir sua defesa. Os soldados movimentam-se cuidadosamente. Qualquer pé de coqueiro, qualquer tronco de árvore pode ocultar um atirador inimigo de tocaia. A primeira tarefa é dar cabo desses atiradores e destruir as defesas que se encontram ao alcance do fogo dos atacantes. Treinados atiradores avançam, observando meticulosamente qualquer movimento suspeito na galhada das árvores. Ao menor sinal da presença do inimigo, rompem o fogo, não dando ensejo para que o inimigo possa tirar muita vantagem da situação. Geralmente, soldados japoneses começam a cair das árvores, mortos ou feridos. Todos os pontos em que o inimigo possa estar escondido são investigados.

O ataque contra as fortificações é mais complicado. Os atiradores aproximam-se, agachados, e fazem fogo, alvejando os orifícios por onde o inimigo pode atirar. Quando se encontram a uma distância de vinte metros, entram em ação as metralhadoras, concentrando o fogo nos orifícios ou qualquer outra abertura nas fortificações. A esse tempo, os atiradores já passaram para a retaguarda.

As fortificações de concreto e cimento só podem ser destruídas por projéteis de 75 mm. ou mais. O ataque das metralhadoras, entretanto, facilita a aproximação dos lança-chamas. Uma vez feito o cerco, estabelece-se a concentração de fogo partindo de duas direções. Os ocupantes das fortificações geralmente não resistem ao efeito da fumaça e morrem sufocados, dentro de poucos minutos. De outras vezes, os japoneses suicidam-se, fazendo explodir granadas de mão contra o peito. Logo que a cabeça de ponte está garantida, no litoral, as tropas ata-



**Um ataque**, com metralhadoras e lança-chamas destruiu esta fortificação japonesa na ilha de Bougainville, do arquipélago das Salomão. Um fuzileiro naval americano espreita cautelosamente, pronto para fazer fogo

**(Continuação)**

cantes passam a defender as suas posições. Peças de artilharia são instaladas em bases firmes, dentro de cercados de arame farpado e, nas imediações, são construídas trincheiras reforçadas com toras de coqueiros e sacos de areia. Sempre há o risco dos contra-ataques aéreos e da ação dos atiradores de tocaia, durante a escuridão da noite.

Mas, a despeito de todos esses riscos, a tropa se mantém de bom humor. Um soldado, por exemplo, depois de preparar sua trincheira, reforçando-a com toras de coqueiro e sacos de areia, não pôs dúvida em afirmar aos companheiros: "Agora, nem uma bomba é capaz de entrar nesta trincheira!" Os companheiros examinaram-na e disseram que, como estava a trincheira, nem o próprio soldado podia entrar. Ele tinha coberto a trincheira, completamente. Quanto a dormir, o problema é de fácil solução, quando não há o risco de um ataque imediato. Os soldados procuram duas árvores a distância conveniente uma da outra e armam suas redes, tendo especial cuidado de se cobrir com um mosquiteiro. Conquanto fiquem livres dos mosquitos, é muito comum despertarem em plena noite, debaixo de uma chuva torrencial ou por causa do sinal de alarme. Às vezes, a chuva e o alarme ocorrem ao mesmo tempo.

O soldado se preocupa com a chuva, não porque seja alguma coisa de anormal naquelas paragens, mas simplesmente porque enche a sua trincheira. Quando sôa a sereia do alarme, quer dizer que ele tem que abandonar sua rede e meter-se numa trincheira que pode estar cheia de água da chuva.

Os ataques aéreos são frequentes. Os soldados, porém, encaram a situação com certa jovialidade e chamam os aviões japoneses *máquinas de lavar roupa*, por causa da vagareza com que seus motores parecem rodar. Antes de serem lançadas as bombas, ouvem-se três pancadinhas. Em seguida, ouve-se a explosão que os soldados comparam com o ruído que "se costuma ouvir nas fitas de cinema, porém mais de perto".

Quando cessa o ataque, os soldados voltam para as redes e continuam a dormir. Levantam-se ao raiar do dia, tomam a sua alimentação regular e preparam-se para prosseguir avançando sempre pela mata a dentro. A marcha é lenta, a vegetação cresce espessa, a ponto de impedir completamente a passagem. O único recurso é abrir picada, o que é feito pela engenharia.



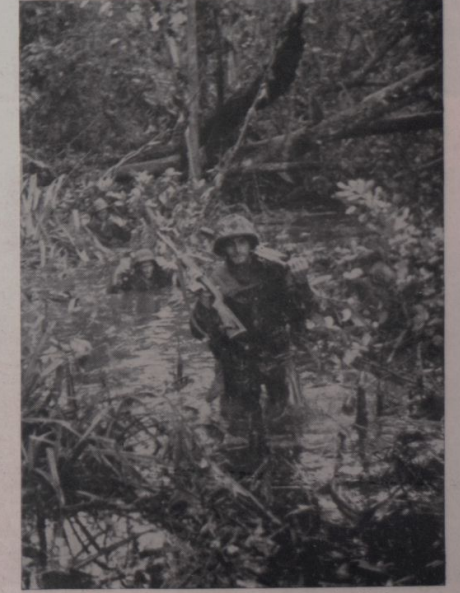
**Na guerra** no mato, os cães prestam inestimáveis serviços. Dão sinal da aproximação do inimigo, vigiam os acampamentos durante a noite e ajudam a socorrer os feridos. Vemos na gravura um cão Doberman Pinscher, treinado especialmente para esse serviço. A cena passa-se na ilha da Nova Guiné, durante a recente avançada das forças aliadas



**Conquanto** a luta na selva seja feita, geralmente, a pouca distância do inimigo, com armas pequenas, os assaltos em grande escala são feitos logo que as tropas dominam um bom ponto de apoio, como um aeródromo ou alguma localidade. Estes tanques estão avançando pelos escombros causados pelo bombardeamento prévio, na Nova Bretanha



**Dois** soldados americanos abrigam-se por trás do cadáver de um soldado japonês, durante o formidável ataque contra a ilha de Makin, capturada pelas tropas norte-americanas, depois de cinco dias de sangrenta luta



**Tropas** de infantaria de marinha dos Estados Unidos avançando por um extenso pantanal, na ilha de Nova Bretanha



"Yank", o semanário ilustrado do Exército dos Estados Unidos, é lido por milhões de soldados tanto no país como no estrangeiro, nos vários "fronts"

## "YANK"—O JORNAL DO EXÉRCITO

MESMO nas frentes de batalha, os soldados do Exército dos Estados Unidos mantêm o contato com o resto do mundo, através do seu próprio jornal—"Yank". É um jornal semanal, com formato de magazine, tendo na capa a seguinte inscrição: "Publicado por soldados, para os soldados." A ilustração da capa pode ser um soldado descansando num campo, na Itália, comendo as suas rações, e na legenda se lê—"Banquete na Itália"—ou pode ser um soldado tentando passar por uma cerca de arame farpado, durante as manobras na Escóssia, ou ainda qualquer fotografia mostrando soldados em ação ou em diversão, nas várias frentes de batalha espalhadas pelo mundo. O bom assunto nunca falta. Entre as capas dessa publicação, cujas dimen-

sões são, mais ou menos, as de EM GUARDA, encontra-se variadíssimo texto e ilustrações destinadas a informar e a distrair os combatentes. Varia desde os detalhes de uma batalha até as últimas notícias sobre conhecidas estrelas do cinema, do palco ou do rádio, ou de outras personalidades em evidência.

Todas as semanas "Yank" é publicado aos milhares, em doze edições, das quais, nove são impressas no estrangeiro e três são especialmente para as tropas que se acham nos Estados Unidos. Além das edições publicadas nos Estados Unidos, há outras para circulação na Inglaterra, no Panamá, em Trinidad, Porto Rico, Austrália, Hawaii, Cairo, Índia e Teeran. Uma outra edição está em preparação para ser distribuída na Itália.

Única entre as publicações militares, "Yank" é redigida, editada e produzida por soldados do Exército, e destina-se essencialmente mais para os soldados do que para os oficiais. Tem correspondentes e fotógrafos—soldados rasos, cabos sargentos—em todas as frentes de combate. A maioria deles trabalhava em jornais, antes de serem incorporados ao Exército. E como verdadeiros profissionais, escrevem e fotografam tudo que é de verdadeiro interesse para o seu jornal.

Suas reportagens sobre combate tem tanta autenticidade quanto as reportagens publicadas pelos grandes jornais diários e magazines, feitas por correspondentes que comen e dormem com as tropas combatentes. Porque, acima de tudo,



Os correspondentes e os fotógrafos de "Yank" acompanham as tropas por toda parte. Aqui vemos o sargento T. Bushemi, fotógrafo do semanário militar, preparando-se para mais uma reportagem, no ilha de Nova Geórgia



O sargento M. Hargrove, correspondente especial de "Yank" na China. Vêmo-lo na gravura observando uma novilha que foi presentada aos aviadores americanos. A cena passa-se no almoarifado ao ar livre, no zona de guerra



Os correspondentes de guerra são combatentes como quaisquer outros. Aqui estão os sargentos Mack Morris, reporter, e Howard Brodie, ilustrador, garantindo-se para a eventualidade de uma surpresa do inimigo



O sargento Edward Cunningham, outro reporter de "Yank", palestrando com tropas de Índia, onde ele foi especialmente para fazer uma reportagem

## OS CORRESPONDENTES DO "YANK" ACOMPANHAM O EXÉRCITO



Os reporters de "Yank", em geral, viagem de avião. Eis aqui o sargento Pete Paris, ao tomar um avião, na sua função de reporter e de fotógrafo, com destino ao setar italiano, onde, com a sua inseparável "câmara" tem acompanhado todas as fases da campanha, e registado valiosos pormenores



O sargento Dick Hanley, destemido fotógrafo do semanário do Exército, arrisca-se sob o fogo do inimigo



Na Nova Guiné: outro reporter, o sargento D. Richardson, já condecorado



Na redação do semanário "Yank", no quarto andar de um dos arranha-céus de Nova York. Aqui, os editores, redatores e artistas fazem a seleção das notícias e das fotografias que entram na elaborada ilustração do jornal. Além do serviço especial dos seus próprios correspondentes, "Yank" recebe, diariamente, notícias de outras fontes



Como todo jornal de grande circulação, "Yank" é impresso em máquina rotativa. Aqui vemos um dos impressores examinando um dos seus últimos exemplares

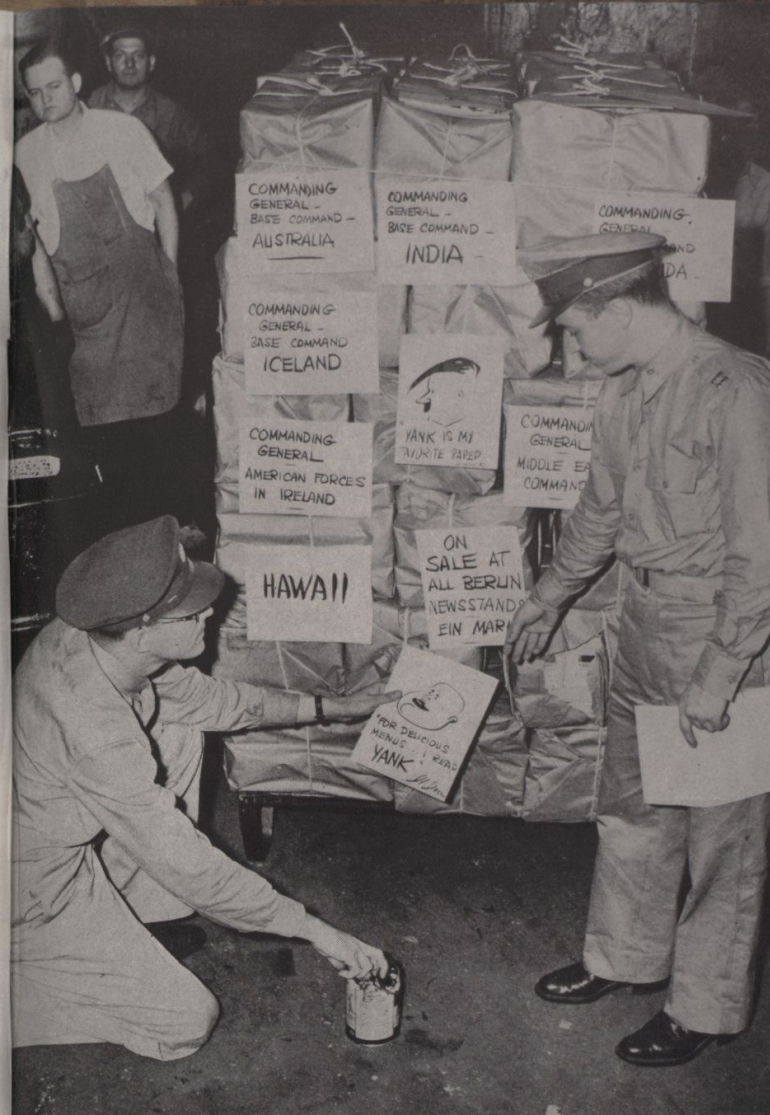
os redatores e reporters do "Yank" são soldados, e bem sabem como sentem e pensam os soldados. Vivem em barracas ou ao livre, como os demais. Acompanham as tropas nas operações de desembarque e avançam para as posições arriscadas, tal como fazem os combatentes. São soldados-jornalistas, com o lápis, papel e câmera numa das mãos, e com o fusil ou a pistola na outra.

Um dos reporters do "Yank" já foi morto durante um combate e outros têm sofrido a consequência de enfermidades a que se expõem todos os soldados nas regiões inhóspitas onde se combate intensamente, desde as ilhas do Pacífico, até os desertos africanos. Estão sempre presentes onde quer que haja luta e ação a ser descrita, em terra ou no ar, mesmo sobre território alemão. Assim, os soldados, em geral, ficam informados a respeito do que se passa em cada uma das frentes de batalha.

Os correspondentes do "Yank", às vezes, correm riscos ainda maiores do que os próprios combatentes. No desembarque na ilha de Tarawa, uma das ilhas Gilbert, no Pacífico, um dos seus fotógrafos, o sargento John A. Bushemi, foi em cima de um dos tanques, sem a menor proteção, fotografando tudo. O jornal tem enfrentado todas as dificuldades e ansie-

dades ligadas à tarefa de obter notícias de certas frentes longínquas e isoladas. Seus redatores e editores têm lançado mão de todos os recursos de imaginação para publicar o jornal em algumas das áreas de ultramar e para distribuí-lo às tropas que estão espalhadas em vastas áreas, mas até agora nunca deixou de ser publicado regularmente e seus correspondentes estão sempre a postos onde quer que haja uma expectativa de notícias importantes. O jornal tem interessado não somente a tropa, mas também aos estudantes do jornalismo profissional, pelo sabor e boa apresentação das suas notícias. Há pouco tempo, foi conferido ao "Yank" um prêmio pela "Saturday Review of Literature", pelos "distintos serviços prestados ao jornalismo norte-americano," fato que constitui um tributo ao espírito de iniciativa, à habilidade e capacidade de um núcleo de jovens jornalistas.

"Yank" é publicado sob os auspícios do departamento especial do Exército que está a cargo de manter o moral da tropa. Sua redação é em Nova York, na Rua 42. O diretor-gerente é o sargento-mór Joe McCarthy, antigo cronista esportivo de um jornal de Boston. Os oficiais que estão ligados à sua administração e publicação, agem apenas como

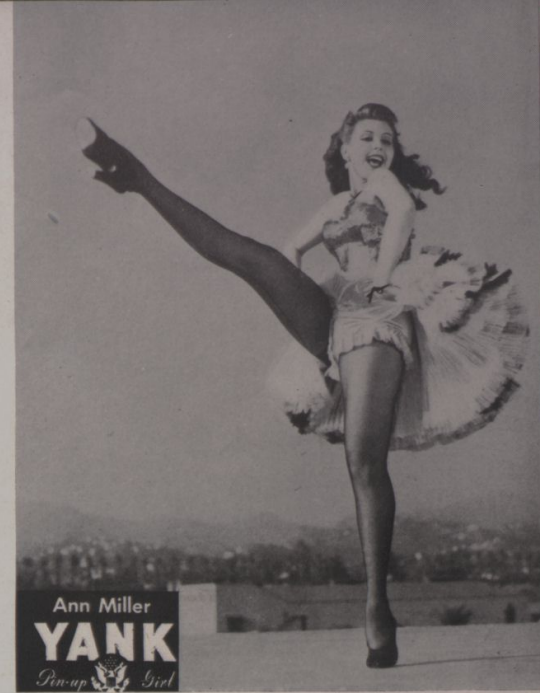


Matrizes gravuras e fotografias, em grande quantidade, são empacotadas para serem enviadas para as várias secções, no estrangeiro. É material que vá servir para as dez outras edições especiais do semanário

supervisores das transações comerciais, da produção e distribuição do jornal e de suas relações intramilitares. Mas, editorialmente, "Yank" destina-se primordialmente à tropa em geral.

A publicação do semanário começou em Junho de 1942, sendo então impresso nos Estados Unidos e distribuído entre as tropas no país e no estrangeiro. Poucos meses depois tornou-se conveniente fazer uma edição em Londres, devido à grande expansão dos seus leitores. O material básico destinado às doze edições do semanário é preparado em Nova York, onde são impressas as edições destinadas à circulação nos Estados Unidos, no Alaska e na Groelândia. As matrizes e demais materiais para as outras edições seguem por via aérea. As edições publicadas no estrangeiro variam de acordo com as facilidades disponíveis, mas todas se apresentam de conformidade com o padrão original.

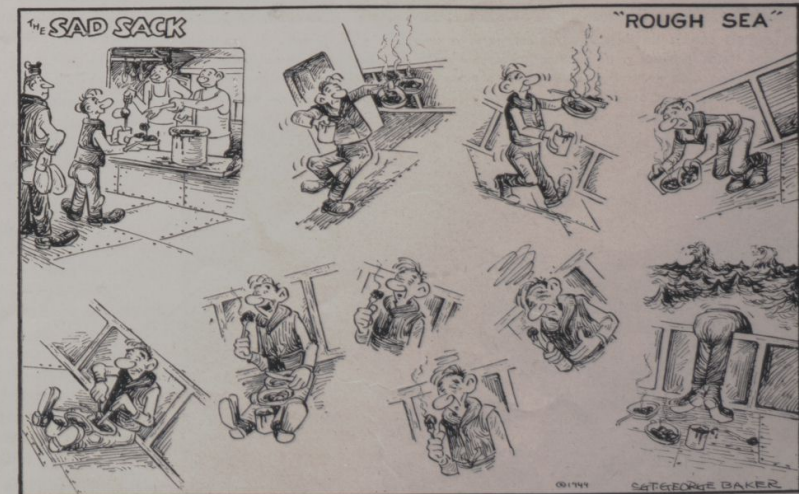
Aparecem sempre com um texto variado e interessante e fartamente ilustradas com fotografuras e desenhos de grande aceitação entre seus numerosos leitores. O noticiário da terra é tratado com especial interesse, dando assim aos soldados que se acham distantes, uma oportunidade de acompanharem os acontecimentos sob todos os seus aspectos.



Ann Miller a famosa cantora e dançarina do palco americano, ilustra as páginas de "Yank", com um de seus passos



Alguns dos outros pequenos jornais que, além do semanário "Yank", também são publicados pelos soldados, regularmente



"Sad Sack" é uma das ilustrações cômicas mais populares nas páginas do semanário militar. Seu autor é o sargento Baker e o nome "Sad Sack" aplica-se a qualquer recruta desajeitado e bisonho. Como bom observador, o sargento Baker encontra variada inspiração para as suas caricaturas, como esta, de um recruta, "boiando" no mar



O monsenhor Flanagan, fundador de Boys Town, em palestra com um grupo de discípulos da famosa instituição, que já forneceu 550 homens para as forças armadas



Do curso escolar de Boys Town fazem parte a mecânica e o desenho de máquinas. Este ano foram incluídos no respectivo programa o curso de espanhol, o de noções de economia política, o de matemática aplicada à mecânica e o de história universal. Em baixo: um ex-aluno de Boys Town, herói da guerra no Pacífico, faz uma visita aos seus colegas e amigos



# BOYS TOWN

EM 1917, o monsenhor E. J. Flanagan, natural da Irlanda, mas que fez sua carreira eclesiástica nos Estados Unidos, animado pelo desejo de amparar e educar os pequenos desherdados da sorte, fundou, no Estado de Nebraska, um abrigo para menores abandonados. A princípio, seus recursos davam para abrigar cinco meninos apenas, mas o sacerdote contava poder aumentar a capacidade do abrigo, afim de acolher centenas de necessitados.

O fundador do abrigo apelou para a contribuição de pessoas que estavam interessadas na sua obra de amparo à infância desvalida, em vez de apelar para o auxílio direto do governo ou da igreja. Por esta razão, o plano foi de realização demorada, durante os primeiros tempos, por causa da insuficiência e da infreqüência das contribuições. Mas, passadas as primeiras dificuldades, o monsenhor Flanagan pôde reunir recursos bastantes para a aquisição de uma propriedade rural, nos arredores da cidade de Omaha.

Hoje, êle e todos quantos contribuíram para a realização do plano, podem se orgulhar da sua obra. Uma pequena cidade está agora edificada, com escolas, com amplos alojamentos, ginásios, correios, capelas e outros edifícios necessários, nos quais se reflete a vida intensa de estudo, de trabalho e de atividades úteis a que se dedicam os centenares de meninos que são os seus habitantes. Em 1938, o governo local, reconhecendo a importância de empreendimento, resolveu conceder fôros de cidade à área ocupada pela instituição, dando-lhe a denominação de "Boys Town." Mais de cinco mil menores já passaram por êsse centro modelar de instrução e de educação, cuja capacidade normal é de quatrocentos.

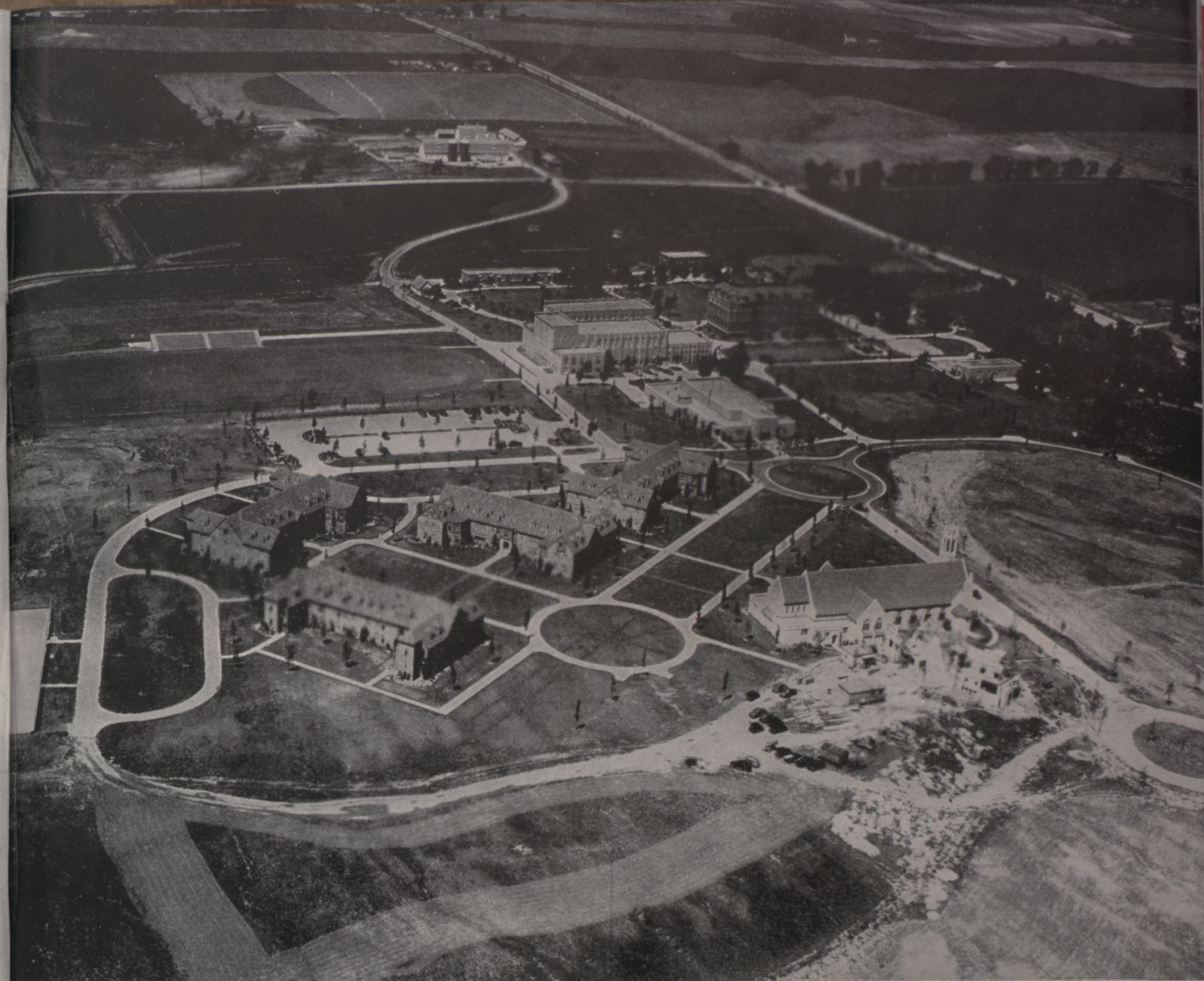
Um dos princípios básicos do sistema adotado pelo seu fundador é a preparação prática dos meninos, para que se tornem cidadãos úteis a si mesmos e à coletividade. Por isso, a administração de Boys Town é exercida pelos seus próprios residentes, segundo os preceitos da forma democrática. Dessarte, os meninos aprendem, praticamente, a fazer distinção entre bom e mau governo. Para o preenchimento dos cargos administrativos realizam-se eleições duas vezes por ano. E durante a semana que precede cada eleição, a comunidade inteira se agita na convulsão natural das controvérsias políticas. Faz-se a campanha eleitoral com todos os detalhes de cartazes, discursos e plataformas. No dia da eleição, todos os menores, de 12 a 18 anos, comparecem às urnas para lançar seu voto, seguindo o mesmo processo adotado nas eleições nacionais. Todos consideram o sufrágio um dos direitos inerentes aos "cidadãos" de Boys Town e nenhum abre mão dessa prerrogativa.

As funções dos cargos eletivos não são apenas "para inglês ver". O prefeito, por exemplo, tem as atribuições de receber oficialmente, em nome de Boys Town, todos os visitantes ilustres, acompanhando-os em sua visita às dependências da famosa instituição. E' ainda o prefeito que, auxiliado pelos "comissários" que constituem o seu gabinete, se corresponde com os amigos e com as pessoas interessadas no progresso de Boys Town. Somente o prefeito recebe mais de dez cartas por dia, às quais responde pessoalmente.

Há um "conselho municipal", que se reúne em sessões todas as segundas-feiras para tratar dos assuntos relativos à comunidade. Até a justiça está organizada em Boys Town. Um tribunal especial, cujos juizes, também menores, dão audiências às terças-feiras, à noite, tem alçada para julgar quaisquer infrações que forem cometidas. Em geral, as penas impostas não passam da restrição ao número de horas de recreio a que tiver direito o infrator, ou de pequenas adições às várias tarefas regulamentares.

A vida auto-administrativa de Boys Town é bem um reflexo da sua excelente organização educacional. Há várias escolas primárias e secundárias para os 400 jovens que para ali afluem, procedentes de todos os Estados da União. Quasi todos os anos são criados novos cursos de utilidade imediata na vida prática. Este ano foram iniciados os cursos de espanhol, de noções de economia política, de matemática aplicada à mecânica e de história universal.

Todo tempo útil é bem aproveitado. Depois das aulas, os passatempos prediletos variam desde a coleção de selos até a banda de música, os esportes e a preparação do interessante jornal local. A instituição é auto-suficiente em matéria de produtos agrários, estando a cargo dos meninos a plantação, cultivo e colheita de frutas e legumes. Nas forças armadas foram incorporados 550 veteranos de Boys Town. Dêstes, dezesseis já foram mortos em combate. Numerosos outros têm sido distinguidos com citações e condecorações por atos de bravura. Muitos oferecem suas medalhas ao monsenhor Flanagan, como tributo de estima e gratidão.



Boys Town, a pequena comunidade situada no Estado de Nebraska, com uma população de 400 almas, foi fundada no ano de 1917 pelo monsenhor E. J. Flanagan



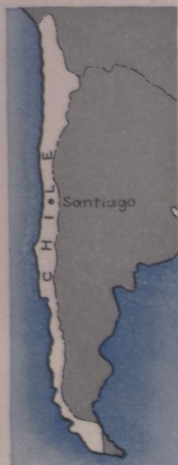
Os "cidadãos" de Boys Town trabalham nas plantações e na fazenda de criação de gado da proveitosa instituição



A instituição fundada pelo monsenhor Flanagan é mantida por meio de contribuições procedentes de todos os pontos dos Estados Unidos. A administração está a cargo dos meninos, que elegem, regularmente, seus dirigentes



# MINERAÇÃO DE COBRE



O COBRE, por causa de suas muitas propriedades, é um dos metais de maior utilidade. Segundo os historiadores e os arqueólogos, o cobre foi o primeiro metal utilizado pelo homem. Nestas páginas registam-se várias etapas dos trabalhos de mineração e de fundição do cobre, nas jazidas do Chile. Antes dos tempos coloniais, os índios extrairam certa quantidade de cobre das minas locais, e no princípio do século dezessete, os espanhóis fizeram uma exploração em pequena escala. No século dezoito, quando já eram mais conhecidas as propriedades do cobre, as minas do Chile passaram a ser a fonte principal desse metal. As jazidas chilenas estão situadas nas montanhas ao longo da costa e na grande cordilheira dos Andes, em sua parte mais a oeste, entre as províncias de Antofagasta, ao norte, e a de O'Higgins, ao sul. Os centros de mineração mais importantes são os de Chuquicamata, o de Sewell e o de Potrerillos, situados a altitudes que variam entre 2.300 a 3.000 metros acima do nível do mar.



**Trabalhos de** mineração de sulfato de cobre nas jazidas de Chuquicamata, no Chile. O minério, que é extraído a dinamite, ocorre tanto na sua forma composta como na forma pura. Nessas minas encontram-se também as pedras turquesas

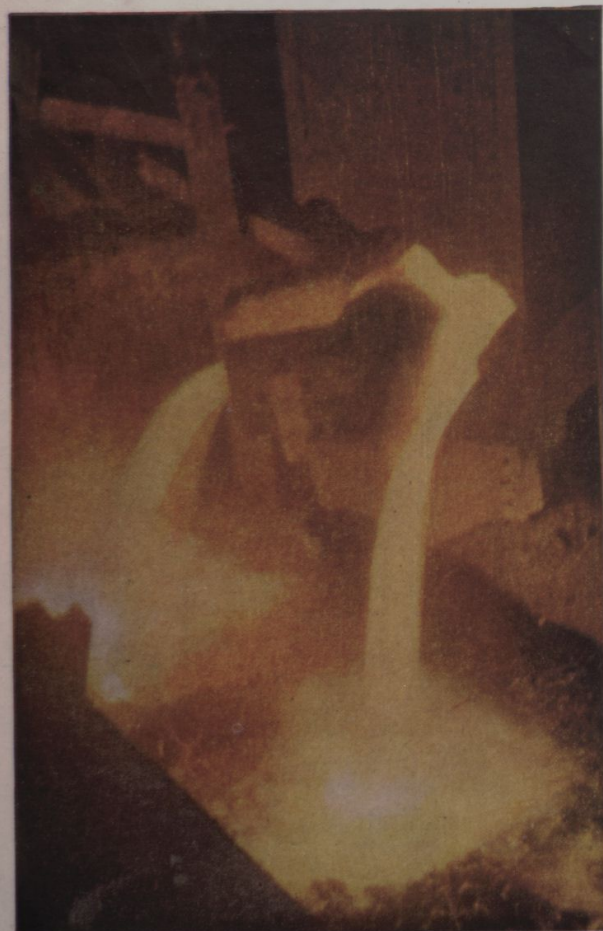


**Pedra e minério** são extraídos por meio de enormes escavadeiras e transportadas para os britadores. Várias ferramentas antigas encontradas durante os trabalhos de mineração provam que os incas já estiveram aí, há cem anos, procurando turquesas

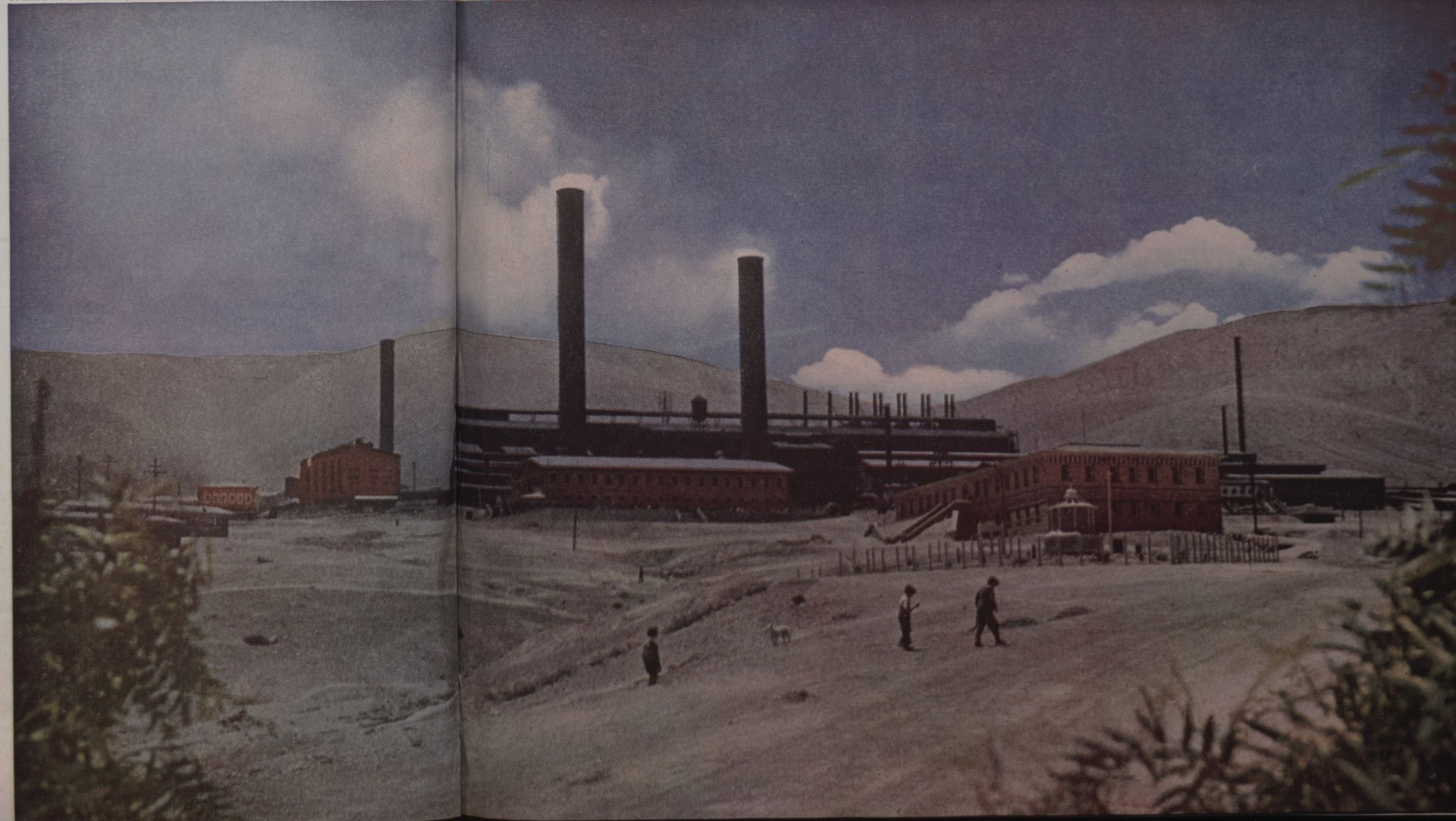


**Depois de** britado, o minério é então submetido a um tratamento de ácido para separar o cobre. Vê-se, na gravura, a remoção da borra depositada no fundo do tanque. Durante esse processo sempre há um excesso de escória que escorre pelo vale a baixo

A mina de Potrerillos, uma das maiores do Chile, situada, como a de Chuquicamata, na cordilheira dos Andes, porém mais ao sul. A exploração é toda feita no sub-solo. Nela se encontram tanto o minério de sulfato de cobre como o de sulfito de cobre



**A fundição,** no Chile, do minério de sulfito de cobre extraído de uma de suas minas. Vemos na gravura acima o cobre, já fundido, jorrando radiante, pronto para ser submetido à moldagem em barras. O cobre é tido como o primeiro metal usado pelo homem



# RESTAURANDO A ITÁLIA

*A fotografia da capa é uma cena da destruição que os alemães causaram durante a sua fuga do norte da Itália, perseguidos pelos aliados.*

A MEDIDA que a campanha na Itália se estende ao norte da península, as cidades e vilas que vão ficando para a retaguarda, retornam, pouco a pouco à sua vida normal. A reconstrução da Itália libertada começou quando ainda se ouvia o troar da artilharia.

As forças aliadas que entram numa cidade recém-evacuada pelas tropas alemãs, têm, frequen-

temente, a impressão de estarem ocupando uma cidade completamente abandonada. Mas, pouco a pouco, das ruínas de numerosos edifícios e dos campos próximos vão aparecendo, um por um, seus habitantes. Citadinos e camponeses saem cautelosamente de seus esconderijos, e vão se reunindo e trocando impressões, perambulando pelas ruas entulhadas de destroços de toda sorte. Nos mercados, há o mesmo aspecto desolador. Reina em toda parte a tristeza e o desânimo. Em geral, as autoridades locais, ardorosos fascistas, abandonam seus postos, acompanhan-

do os alemães na sua apressada retirada, deixando tudo entregue à sua própria sorte. Ao chegarem as autoridades militares aliadas, logo após a ocupação, para organizar os serviços administrativos, as cidades se apresentavam completamente desprovidas dos elementos mais rudimentares à vida.

O primeiro passo na reconstrução local é a extirpação dos elementos decididamente fascistas que infestam as funções administrativas. Tanto a polícia italiana como numerosos cidadãos têm sido sinceros em oferecer seus serviços, coope-



**Refugiados** italianos (à esquerda) surgem dos esconderijos nas montanhas, perto da vila de San Pietro. Em cima: Nápoles volta lentamente à normalidade. O entulho é removido das ruas, restaura-se o serviço de luz e das águas e muitas casas comerciais reabrem. A polícia italiana coopera com as autoridades militares aliadas

(Continuação)

rando para a restauração da ordem e da normalidade. Automóveis e auto-caminhões disponíveis são requisitados para fazer a distribuição de gêneros e de materiais necessários, ficando os estoques rigorosamente guardados pela polícia local.

Em Nápoles, em menos de uma hora depois da ocupação aliada, os engenheiros municipais encarregados do serviço das águas, apresentavam-se às autoridades militares pondo seus préstimos à disposição das mesmas, para o restabelecimento do serviço. Na mesma tarde foram iniciados os concertos necessários, ficando toda a água disponível sujeita a rigoroso racionamento. Outro serviço importante, que mereceu imediata atenção, foi a remoção do lixo e dos escombros, nos lugares de maior movimento. Uma semana depois da ocupação, organizava-se na cidade uma comissão de especialistas para tratar do restabelecimento dos serviços de luz e força, de telefone e dos transportes urbanos. Os bancos continuavam fechados, mas o gerente do Banco da Província de Nápoles apresentou um sumário das condições de todas as suas sucursais locais. Uma comissão de cinco dentre os principais banqueiros da cidade passou a trabalhar sob as ordens das autoridades aliadas. A perfeita cooperação que se observou em Nápoles é característica da índole dos italianos em várias outras cidades menores e vilas no território ocupado.

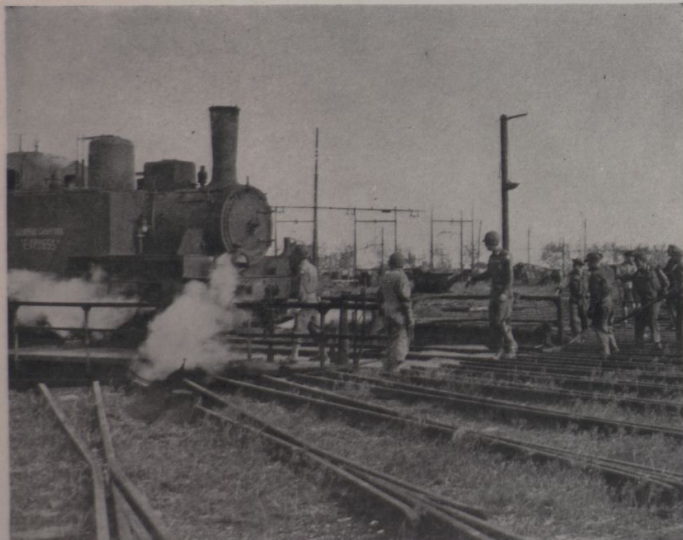
Quando se tornava evidente que as tropas aliadas iriam ocupar uma cidade ou vila, o comércio abria suas portas durante algumas horas do dia, restabelecendo assim a confiança. As autoridades militares, por sua vez, intervinham o menos possível, deixando que o próprio governo civil local continuasse exercendo suas funções normais. Nas lojas, em geral, via-se grande variedade de artigos, não somente os de primeira necessidade, mas também os de luxo, como perfumes, joias de fantasia, etc. Nos armazéns de secos e molhados, havia quantidades suficientes de alguns gêneros enlatados, mas completa ausência de pão e de carne. Havia poucos medicamentos. O abastecimento da população, com alimentação adequada, continua a ser, naturalmente, um proble-



A distribuição de gêneros alimentícios foi um dos problemas mais sérios que os aliados tiveram de enfrentar em Nápoles. Os alemães tinham saqueado tudo

ma. Conquanto as remessas feitas pelas autoridades aliadas continuem a ser frequentes e numerosas, as necessidades são sempre crescentes, por causa do malbarato e da pilhagem feitas pelos alemães, em sua ânsia de desorganizar a vida em todos os lugares sujeitos à sua dominação. A produção agrária é, dentre todos os problemas, um dos mais prementes, porque a sua restauração depende essencialmente do elemento — tempo. Assim, a distribuição de sementes aos agricultores foi feita com toda urgência. Ao mesmo tempo, foi organizado um serviço de coleta de todos os produtos da lavoura, com a participação de todos quantos podiam dispor de veículos, motorizados ou não. Muitos italianos iam mesmo a pé às plantações mais próximas, para se abastecer de frutas e de legumes e ovos, para oferecerem à venda nos centros urbanos. Desta maneira, a emergência da distribuição foi enfrentada satisfatoriamente, a despeito dos escassos meios de transporte. E assim, a vida italiana está voltando a um grau de normalidade que já permite tratar de outros problemas causados pelos horrores da guerra.

dos de filiais e de agências de grandes empresas e de firmas comerciais cujas casas matrizes são em Roma. A crise foi sustada pronta e satisfatoriamente. Graças às providências tomadas pelas autoridades aliadas, Nápoles teve restaurados, dentro de duas semanas, seus serviços das águas, de iluminação elétrica e de telefones. Pouco depois, os bancos reabriram e passaram a funcionar regularmente. A moeda italiana, a inglesa e a americana circulam agora na mesma igualdade de condições no Banco de Itália, dando curso a todas as transações e facilitando o financiamento das compras do comércio atacadista. A despeito de terem os nazistas aberto as portas das prisões e dos reformatórios, quando abandonaram a cidade, a criminalidade está sendo menor do que era antes da ocupação dos aliados. Verificam-se poucas prisões, destacando-se, em geral, as efetuadas pelo crime de saque e pilhagem. Os tribunais marciais julgam somente as infrações das ordens de caráter militar. Todos os crimes comuns continuam sob a plena jurisdição dos tribunais civis locais italianos. A Itália volta ao normal.



Na área de Nápoles, os entrepostos ferroviários e as linhas férreas foram danificadas pelo bombardeio e pelos próprios alemães. Pouco depois da chegada dos aliados, o serviço foi restaurado



Trabalhadores italianos ajudam os soldados aliados na reconstrução do grande aqueduto de Nápoles, destruído em sete lugares, pelos alemães

Mas, à proporção que vão sendo satisfeitas as necessidades de ordem material das populações, torna-se indispensável encarar o aspecto geral do trabalho, para reduzir ao mínimo o número de desocupados. A princípio era de contristar o número de chefes de família encontrados nas ruas, andando a esmo, completamente desprovidos de recursos, e os refugiados que, nas mesmas condições, se deixavam ficar, sentados nas batentes das portas. Pouco a pouco, porém, a crise do sem-trabalho foi encontrando solução. Agora, milhares de homens estão ativos nas obras de reconstrução e trabalhando nos depósitos de abastecimentos e de material bélico das forças aliadas. Outros estão encontrando trabalho nas empresas particulares e nos serviços públicos municipais, ora em franca regularização. Aqueles que ainda continuam desempregados, estão tendo o amparo do seguro social, havendo, somente na cidade de Nápoles, trinta mil pessoas que estão recebendo os benefícios desse seguro. Muitos dos beneficiados são antigos empregados de filiais e de agências de grandes empresas e de firmas comerciais cujas casas matrizes são em Roma. A crise foi sustada pronta e satisfatoriamente.



Americanos e filipinos, prisioneiros dos japoneses, depois da heróica defesa da ilha de Corregidor, nas Filipinas, ao seguirem para o campo de concentração

## SALVAGERIA JAPONÊSA

O GOVERNO dos Estados Unidos acaba de divulgar chocantes violações cometidas pelo Japão, em flagrante desrespeito aos termos da Convenção de Genebra, relativamente ao tratamento devido aos prisioneiros de guerra. As revelações foram baseadas em declarações feitas por membros das forças armadas dos Estados Unidos que conseguiram escapar dos campos de concentração dos japoneses, onde se achavam como prisioneiros. Descrevem os horrores sofridos por eles e por seus companheiros, nas mãos do inimigo.

No começo da guerra no Pacífico, as tropas dos Estados Unidos e das Filipinas contiveram a tremenda avalanche japonesa durante dois longos

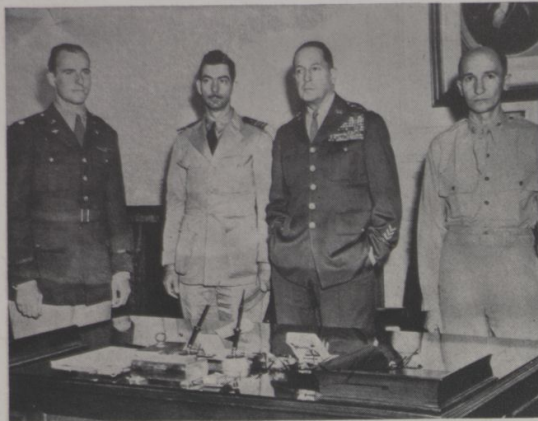
mês, na península de Batán, até que, esgotados e impotentes, não tiveram outro recurso senão se renderem. Os japoneses fizeram 35.000 prisioneiros. Um mês depois, aprisionaram mais 12.000 homens, na ilha de Corregidor, situada à entrada da baía de Manila. Este último grupo era composto de oficiais e praças dos Estados Unidos, num total de 5.000 homens. As declarações publicadas pelas autoridades militares e navais norte-americanas, dois anos depois daquelas sangrentas batalhas, demonstram que os japoneses são responsáveis pela morte de 5.200 soldados dos Estados Unidos, aproximadamente, e de um número muito mais elevado de filipinos. Muitos foram fria e covardemente

assassinados, outros morreram de fome e de sede, ou foram vitimados por várias doenças, sem ter-lhes sido proporcionado pelos japoneses o menor tratamento.

Encerrados em verdadeiros currais, de exíguas dimensões, com cercas de arame farpado, os prisioneiros foram vítimas de todas as crueldades e vexames. De uma feita os japoneses obrigaram 12.000 prisioneiros a permanecer encerrados numa área cimentada, de cem metros quadrados, sem alimentação alguma, expostos aos rigores do sol. O espancamento tem sido norma comum, por parte dos guardas japoneses, que se aproveitam de todos os pretextos para praticar atos de incrível brutalidade e covardia. Obrigaram os prisioneiros a ficar de pé durante longas horas, ou a fazer marchas forçadas, sob um sol ardente, negando-lhes até a água para beber. Prisioneiros foram torturados diabolicamente, sendo amarrados pelas mãos, com os braços esticados. Para aliviar o sofrimento, os ho-

(Continuação)

mens tinham que ficar na ponta dos pés, até perderem de todo os sentidos. Os soldados filipinos, que constituíam a maior parte das tropas aprisionadas, foram tratadas com uma ferocidade ainda mais revoltante. Seis filipinos, que, depois de um dia inteiro de marcha, correram para um pequeno poço, para saciar a intensa sede, foram fuzilados barbaramente, na presença de centenas de seus companheiros de infortúnio, filipinos e americanos. Muitos foram caindo desfalecidos pela estrada, para satisfação dos japoneses, que passavam por cima deles, com seus pesados auto-caminhões. Num requinte de extrema bestialidade, os japoneses não permitiam que outros soldados ajudassem seus companheiros, na agonia de tantos sofrimentos. As revelações feitas pelas autoridades militares e navais dos Estados Unidos foram baseadas principalmente nas declarações prestadas por três oficiais, o comandante Melvyn H. McCoy, o tenente-coronel S. H. Mellnik e o tenente-coronel William E. Dyess.



Os três oficiais que revelaram as atrocidades japonesas, aqui aparecem ao lado do General Douglas MacArthur. Da esquerda para a direita: Tte.-Cl. William E. Dyess, Comandante Melvyn H. McCoy, Gen. MacArthur e Tte.-Cl. S. M. Mellnik

Estes oficiais passaram quase um ano encerrados num dos campos de prisioneiros nas Filipinas, antes de poderem escapar. Afirmaram eles que 2.200 prisioneiros norte-americanos morreram durante os meses de Abril e de Maio de 1942, no campo O'Donnell, e que 3.000 outros tinham morrido até o mês de Outubro do mesmo ano, no campo de Capanatuan. Quanto aos prisioneiros filipinos, o número de mortos é muito mais elevado.

O episódio mais horrível das atrocidades dos japoneses foi revelado pelo coronel Dyess, um dos participantes da trágica *marcha da morte*, assim chamada pelos prisioneiros a marcha que fizeram logo após a queda de Batán. Em grupos de 500 a 1.500 homens, os prisioneiros marcharam pela Estrada Nacional, com destino a San Fernando, na Província de Pampanga. Durante a marcha, os japoneses não perdiam ocasião de espancar os soldados que, já esgotados pelo cansaço e pelo intenso calor, mal podiam caminhar. Assim descreve a cena o coronel Dyess:

"A *marcha da morte* começou quando milhares de prisioneiros foram reunidos no aeródromo de Mariveles, em Batán, na madrugada de 10 de Abril de 1942, pouco depois de terem se rendido. Conquanto alguns ainda tivessem em seu poder algumas rações, os guardas não permitiram que nenhum soldado, americano ou filipino, comesse coisa alguma. Todos foram revistados e despojados dos seus haveres mais essenciais. E aqueles que foram encontrados com dinheiro japonês em seu poder, foram sumariamente degolados.

Um soldado japonês tomou o meu cantil, deu a água a um cavalo e, depois, atirou fóra o cantil. Durante a marcha, passamos por um soldado filipino que tinha sido baionetado. Ao longo do caminho, jaziam estirados os cadáveres de soldados mortos recentemente. Os soldados japoneses, que dirigiam os auto-caminhões, passavam seus veículos sobre os corpos humanos, com a mais revoltante indiferença. Muitos prisioneiros americanos foram obrigados a carregar equipamento militar dos japoneses. Um dos meus sargentos morreu por causa do excessivo trabalho nesse mistér. Doentes que fugiam apavorados de um hospital que fóra bombardeado, correndo a esmo, em pijamas e chinelos, como verdadeiros loucos, foram empurrados para a coluna de prisioneiros em marcha. Qual foi o seu destino, não sei. Naquela noite, às 22 horas, fomos obrigados a voltar pelo mesmo caminho, numa marcha de duas horas, sem sabermos qual a razão para isso. À meia noite, finalmente, fomos todos metidos num beco sem saída, estreito de mais para podermos



Soldados japoneses feridos recebem o mesmo tratamento dispensado aos soldados norte-americanos. Vemos na gravura um soldado japonês ao receber os curativos

nos deitar. Um oficial pediu permissão para ir buscar água, mas, como resposta, recebeu uma coronhada de um dos guardas japoneses. Um oficial japonês, afinal, permitiu que bebêssemos água de uma vala. De madrugada fomos acordados e recomeçamos a marcha. Os auto-caminhões dos japoneses passavam por nós e, de um deles, um soldado nipônês, num gesto de crueldade, deu uma coronhada num dos prisioneiros americanos, atirando-o sem sentidos à beira da estrada. Naquele dia, envolvidos em sufocante poeira e sob um sol de rachar, marchamos continuamente, sem comer coisa alguma. Somente ao meio dia nos deixaram beber um pouco d'água de um córrego. Pouco depois, três dos nossos oficiais foram postos num automóvel e conduzidos não sabemos para onde. Nunca mais tivemos notícias deles.

Nossos guardas nos prometiam comida, constantemente, mas nunca nos deram nada. Na noite desse dia, 11 de Abril, fomos revistados novamente e reencetamos a marcha. Americanos e filipinos, completamente exaustos, iam caindo pelo caminho, num atropelo infernal. E os guardas não consentiam que os mais fortes socorressem seus companheiros. De vez em quando, ouviamos tiros, que partiam da retaguarda.

Às 3 horas da madrugada do dia 12, fomos encerrados num verdadeiro curral, cercado de arame farpado, com capacidade máxima para duzentos homens. Ao todo, éramos 1.200 e bem se pode imaginar como ficamos comprimidos num lugar onde

só podíamos ficar de pé, suando e suportando um sofrimento indescritível. Sem o menor conforto e desprovidos dos mais elementares cuidados higiênicos, a atmosfera era de horrorizar. Durante todo o dia 12 fomos submetidos a uma nova forma de suplício que passou a ser denominado *tratamento de sol*. Todos fomos obrigados a permanecer sentados num terreno descampado, sob um sol de matar passarinho. Quanto à água, foi-nos dado uma miséria. A sede era insuportável. Muitos enlouqueceram, outros tantos morreram, numa cena de desespero impossível de descrever. Os japoneses arrastavam os que estavam doentes e delirando. Três filipinos e três americanos foram enterrados ainda vivos. No dia 13, aos desgraçados sobreviventes foi dada uma ração de arroz, nada mais. Passamos outro dia tomando *banho de sol* e à noite, tivemos ordem de continuar a marcha, sem bebermos mais uma gota d'água senão no dia seguinte, de madrugada.

A marcha foi feita com uma parada de duas em duas horas, para descanso, à margem da estrada. O próprio acelerado da marcha era uma tortura. Às vezes, quasi que iam correndo, com os japoneses nos acompanhando — de bicicletas. Doutras vezes, éramos obrigados a ir bem devagar. Os músculos das minhas pernas começavam a se ressentir daquele esforço diabólico e cada passo era, para mim, uma verdadeira agonia.

Ao longo da satânica jornada, muitos filipinos civis, homens e mulheres, procuravam nos ajudar, comiserados da nossa sorte. Atiravam frutas, comida e cigarros, de trás das casas por onde passávamos. Mas aqueles que eram apanhados fazendo isso, não escapavam à sanha dos japoneses, que os espancavam cruelmente. Ao longo da estrada, os japoneses tinham vários depósitos de mantimentos. Um coronel americano apontou para numerosas latas de salmão e pediu que fossem dadas algumas aos seus soldados. Um dos oficiais japoneses, pegou uma das latas e atirou-a no rosto do coronel, causando-lhe um profundo corte. Outro coronel americano e um soldado filipino apressaram-se para socorrer três soldados americanos que tinham caído sem sentidos. Os guardas japoneses, indignados com esse gesto de humanidade, agarraram o americano e o filipino e meteram-nos num automóvel, com destino a San Fernando. Quanto aos soldados desfalecidos, também foram agarrados e, por incrível que pareça, foram açoitados sem dó nem piedade.

Ao longo da estrada na Província de Pampanga havia muitos poços. Em certo momento, seis soldados filipinos, loucos de sede, correram para um dos poços, ansiosos por água. Todos os seis foram mortos instantaneamente, como se fossem animais selvagens. Ao passarmos por Lubáo, vimos um soldado filipino degolado, pendurado numa cerca de arame farpado. Mais tarde, naquela noite, fomos metidos num outro cercado, em San Fernando, de dimensões tão exíguas que ninguém podia se sentar. Durante a noite, os soldados japoneses davam contínuas cargas de baioneta sobre os miseráveis prisioneiros, com o único fim de aterrorizá-los ainda mais naquele verdadeiro inferno.

Antes de raiar o dia 15, saímos daquele chiqueiro. Num grupo de cento e quinze fomos comprimidos num pequeno vagão de garga, de estrada de ferro, de bitola estreita. Os guardas fecharam as portas, deixando-nos em completa escuridão, absolutamente impossibilitados de fazer o menor movimento. Já então estava lastrando entre os prisioneiros a diarreia e a disenteria. O calor era sufocante e o ar, rarefeito e nauseabundo, era irrespirável.



O Capitão Samuel Grashio, um dos que fugiram à sanha dos japoneses, relata à viúva do coronel Dyess os horrores por que passaram os prisioneiros



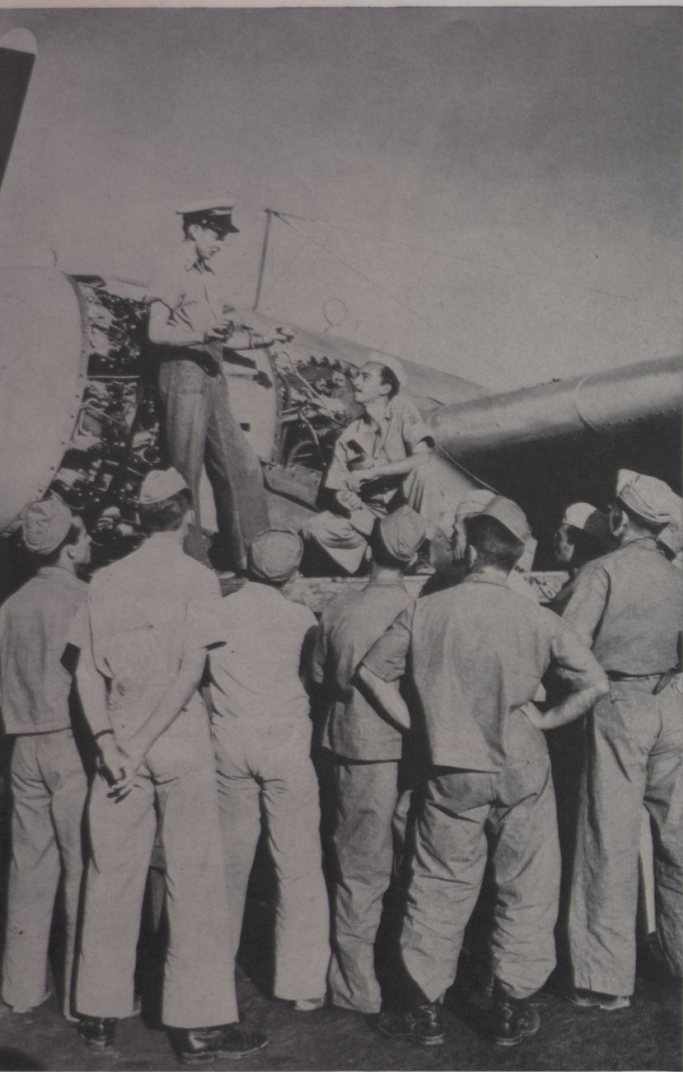
O Major-General Jonathan Wainwright, defensor de Corregidor e que ainda se encontra prisioneiro dos japoneses. Vêmo-lo à direita, de capacete, depois da sua captura nas Filipinas, onde esgotou todos os recursos na heróica defesa contra numerosas forças inimigas



O Comandante Melvyn McCoy reune-se à sua esposa, em seu lar, no Estado de Washington. Suas declarações constituíram parte da revelação publicada pelo governo dos E.E.UU.



Outro fugitivo, Major Austin C. Shofner, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, é recebido por sua mãe, de volta ao lar, no Estado do Tennessee



Um técnico de aviação da Marinha dos Estados Unidos explica o funcionamento de vários peças de um avião moderno a aviadores brasileiros, na base de Natal



Aviadores brasileiros e americanos prestes a iniciar um dos períodos de treinamento, com os bombardeiros "Vega Ventura", que têm dado os melhores resultados na campanha de Natal. Os aviadores brasileiros familiarizam-se com os últimos tipos de aviões de guerra, submarina ao largo da costa do Brasil, e ao longo das vias de comunicações marítimas



A natureza plana do terreno nas imediações de Natal proporciona bom campo para o estudo teórico e prático dos aviadores. Vemos na gravura uma das aulas práticas



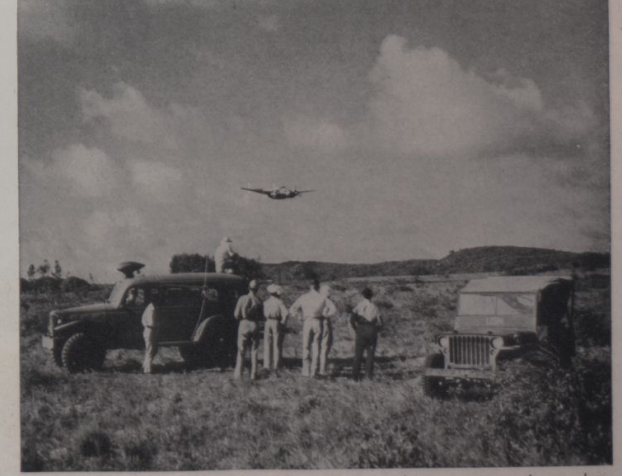
O vice-almirante J. H. Ingram, da Marinha dos E.E.U.U., discute assuntos aeronáuticos com vários oficiais brasileiros. Entre estes está o contra-almirante Ary Parreiras

## Cooperação Aérea em Natal

DURANTE o período de ano e meio, desde que o Brasil declarou guerra ao Eixo, grande tem sido o desenvolvimento da rede de aeródromos em todo o território brasileiro. Mas, dentre todas as bases aéreas, nenhuma é tão importante quanto a de Natal. A natureza plana do terreno em volta da cidade de Natal é excelente para a construção de campos de aterrissagem para os cargueiros aéreos e para a instrução prática dos pilotos. Por ser o ponto mais a oeste do continente sul-americano, Natal é o ponto de contacto aéreo com a África, a 1.260 milhas de distância, com a Itália, com o Oriente-Próximo e o Extremo-Oriente, com a Pérsia, a Rússia e a Índia. Diariamente, aviões cargueiros e de guerra, que se dirigem para as frentes de combate, fazem parada em Natal para reabastecimento de combustível e para repouso de suas guarnições, antes de iniciarem o vôo através do Atlântico. Os aviões transportes chegam carregados de peças sobressalentes, de instrumentos, de medicamentos e plasma sanguíneo necessários aos exércitos em ultramar. Pelas bases brasileiras passaram os aviões e os abastecimentos que contribuíram para a vitória dos aliados na África e para o seu subsequente controle da parte central do Mediterrâneo. E do Brasil ainda que outros aviões levantam vôo com carregamentos de produtos destinados a abastecer as indústrias bélicas nos E.E. UU.



Um oficial da Marinha americana e vários alunos brasileiros estudam detalhes de um aparelho. Natal continua a ser o valioso ponto de contato aéreo com a África e a Itália



Durante um exercício de bombardeio. Oficiais brasileiros e norte-americanos observam um avião de bombardeio que, num vôo rasteiro, se aproxima do alvo a ser atingido

# SARMIENTO NOS ESTADOS UNIDOS

A PROVEITOSA VISITA DE UM GRANDE EDUCADOR E ESTADISTA

DOMINGO FAUSTINO SARMIENTO, presidente da República Argentina, de 1868 a 1874, foi um dos pioneiros mas notáveis da educação popular na América do Sul. Dos setenta e sete anos da sua proveitosa existência passou quatro anos apenas nos Estados Unidos, mas foram quatro anos de intenso labor a bem de grandes ideais que vieram beneficiar todas as nações do continente.

Sarmiento nasceu em 1811, na Província de San Juan, filho de pais pobres e foi criado na pobreza. Sua mãe pertencia a uma família de educadores, modestos, mas de grande mérito. Dela herdou o jovem Sarmiento a grande paixão pelo estudo e pela causa das reformas que dessem ao ensino popular um escopo de grande alcance e de constante desenvolvimento. Muito cedo, em sua vida, Sarmiento teve oportunidade de constatar, na sua própria pátria, a extrema carência da instrução pública na zona rural. Durante cinco anos, como professor na remota Província de San Luis, pôde ele entrar em íntimo contato com o grande problema de então.

Mas, por causa da sua oposição ao governo despótico de Juan Manuel Rosas, que permitia a existência de tais condições, Sarmiento, aos vinte anos apenas, foi obrigado a abandonar sua pátria e a refugiar-se no Chile, onde, para fazer face à sua subsistência, foi professor, abriu depois um restaurante e acabou trabalhando no escritório da administração de uma mina.

Durante esse tempo, Sarmiento não perdia ocasião de ler e de estudar muito, absorvendo a influência de Cícero e de Benjamin Franklin, o grande escritor, pensador, estadista, e cientista norte-americano — um homem que, como Sarmiento, nasceu na pobreza e conseguiu se elevar às posições mais proeminentes, à custa do seu próprio esforço. Depois de passar quinze anos no Chile, uma mudança operada no governo argentino permitiu a sua volta à pátria. Ali passou novamente a lecionar, a trabalhar como caudico e a se bater pelo princípio de que a instrução pública gratuita deve ser um dos requisitos de todo povo soberano. Naquele tempo, essa idéia era tida como radical e, depois de ser preso, em 1840, como demagogo, Sarmiento foi novamente deportado.

Voltou mais uma vez ao Chile, onde abriu a primeira escola normal. Foi nomeado professor da Escola de Filosofia e de Letras da Universidade do Chile e estabeleceu-se firmemente na sua carreira de jornalista, batendo-se pela educação e pela sua política. Em 1846, o governo chileno confiou-lhe a missão de estudar os métodos de instrução pública na Europa. Esteve na França, na Espanha e na Itália, chegando à conclusão de que as monarquias da velha Europa eram incompatíveis com as atividades intelectuais.

Horace Mann, o grande educador e legislador norte-americano, tinha feito uma viagem à Europa, com idêntico propósito, três anos antes

de Sarmiento. Suas opiniões, constantes de um relatório feito sobre os métodos educacionais europeus, chegaram ao conhecimento de Sarmiento e este resolveu procurar Horace Mann. Sarmiento chegou a Nova York no verão de 1847. Trazia uma carta de apresentação que lhe fora dada por um senador dos Estados Unidos, com quem travara conhecimento a bordo, durante a viagem. Sarmiento dirigiu-se à cidade de Concord, perto de Boston, onde Mann residia e que era, então, o maior centro da cultura norte-americana. Mann o recebeu com o maior interesse e satisfação. Os dois educadores não falavam o mesmo idioma, mas a Sra. Mann, que era versada em espanhol, serviu de interprete. Mann, que tinha fundado, com grande sucesso, em Massachusetts, um sistema de ensino custeado pelo Estado, expôs suas idéias a Sarmiento, que se tornou um dos seus grandes adeptos. Para ele, Horace Mann passou a ser o "apóstolo Horace", o "São Paulo da educação." Mais tarde, ao adaptar as idéias de Mann ao ambiente sul-americano, Sarmiento comparou-se a um passarinho que apanha uma semente e a leva para terras distantes, "como dizem que se deu a propagação das plantas nas longínquas ilhas da Oceania."

Mann apresentou Sarmiento a proeminentes educadores norte-americanos, fê-lo visitar escolas e colégios e ofereceu-lhe vários relatórios sobre educação pública, que, graças, em grande parte, aos esforços de Horace Mann, já estava tendo amplo desenvolvimento em todos os Estados Unidos. "Tive a satisfação de trocar idéias com esse gran-

de promotor da educação, e da comunhão dos nossos ideais, pude aproveitar inúmeros fatos e informações que me têm sido de grande utilidade," escreveu Sarmiento, mais tarde.

Em traços largos, assim resume a viagem de Sarmiento aos Estados Unidos, em 1847, um seu biógrafo chileno:

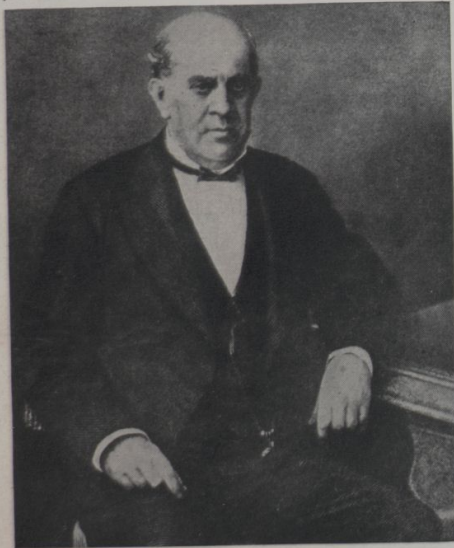
"Sua excursão através da grande república norte-americana, onde as forças da democracia tinham plantado a árvore da liberdade no solo fértil da colonização inglesa, mudou quase que completamente o rumo das idéias de Sarmiento. Daquela ocasião em diante, Sarmiento passou a ser um ardoroso propagandista daquilo que podemos chamar o espírito norte-americano."

Sarmiento regressou ao Chile com um relatório de 542 páginas sobre instrução pública. Influenciado por muitas coisas que tinha visto nos Estados Unidos, foi partidário da instrução primária universal gratuita custeada por uma taxa especial de educação, e recomendou a adoção do sistema métrico decimal. Na sua opinião, o ensino devia ser suplementado por conferências públicas, pela cultura física e por bibliotecas públicas ao alcance de todos, e que às mulheres cabia a função natural de serem empregadas como professoras. Em 1858, Sarmiento foi acolhido honrosamente pelo povo argentino e, poucos anos depois, assumia o governo de sua província natal e fundava uma escola de agricultura, uma escola preparatória e um colégio nacional, sendo finalmente consagrado como um dos grandes apóstolos da educação primária na América do Sul. Sua outra visita aos Estados Unidos ocorreu em 1865, já como ministro da Argentina junto ao governo norte-americano. Seu grande colaborador, Horace Mann, já tinha morrido, mas Sarmiento visitou sua viúva, em Boston, e manteve com ela constante correspondência, na qual nunca cessou de externar seu grande interesse pela educação das massas e pelos processos democráticos.

Durante essa segunda estadia, Sarmiento escreveu uma biografia de Abraham Lincoln, o grande emancipador americano. No país inteiro, foi distinguido com as mais expressivas provas de admiração e respeito por numerosos educadores. Foi eleito membro da Sociedade de História de Rhode Island e a Universidade de Michigan lhe conferiu o grau de doutor em direito *honoris causa*. Conviveu com grandes sumidades do pensamento americano, como Waldo Emerson, o famoso ensaísta, e Henry Wadsworth Longfellow, então considerado como o maior poeta contemporâneo dos Estados Unidos.

O grande personagem argentino, culto, operoso, amável e progressista foi, indubitavelmente, o diplomata estrangeiro mais ativo, mais empreendedor e mais benquisto nos Estados Unidos, naquela época. Em 1868, voltou finalmente para a Argentina, como presidente eleito.

O grande educador e estadista Domingo Faustino Sarmiento. Foi presidente da Argentina e pioneiro da instrução pública gratuita



As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Copas—Ivan Dmitri, Int, Pa, Acme (Marinha dos E.U.). Páginas interiores: 1, Acme, 2, Harris & Ewing, 3, Acme, 4, Pa, Acme, 5, Harris & Ewing, 6, 7, 8, 9, R. K. LaBan, 10, Fred Bond, de Paul Guillemette, John Breed, do FPG, 12, Triangle, 13, Schostal, 14, Dept. de Publ. do Randolph Field, Harris & Ewing, 15, Cushing, Meisel, de Montmeyer, FPG, Wyatt Davis FPG, 16, Acme, Cushing, Harris & Ewing, 17, Pa, Acme, Pa, 18, Cushing, Pa, 19, Pa, 20, Corpo de Fusil. Navais dos E. U., 22, Acme, Pa, 23, Harris & Ewing, Pa, Acme, 24, 25, "Yank", Semanário do Exército, 26, "Yank", Int., 27, Int., Columbia Pictures, Pa, "Yank", 28, 29, B. W. Reed, 30, 31, Charles Perry Wiener, de Three Lions, 32, Pa, 33, Acme, 34, Acme, Harris & Ewing, Acme, 35, Acme, 36, Pa, 37, Pa, Acme, Pa, 38, 39, Harris & Ewing, 40, Frontispício do livro "Facundo", edição francesa, Paris, 1934. Abreviações: Int., Internacional, Pa, Press Astin.

Na gravura à direita vemos um interessante aspecto do desembarque efetuado pelos fuzileiros navais norte-americanos nas praias de Cape Gloucester, na ilha de Nova Bretanha. Logo que chegaram em terra firme, avançaram contra o aeródromo japonês, tomando-o de assalto, apesar da resistência oferecida pelo inimigo

